

CHIARA LUBICH

Estas páginas reúnem os textos publicados no site focolare.org antes da sua reformulação em novembro de 2018. Trata-se de uma coletânea de artigos, divididos por assuntos e inseridos no site, a maioria em 2011, quando a página do site do Movimento dos Focolares foi atualizada anteriormente. São notícias e textos de aprofundamento que podem ser úteis a quem queira conhecer melhor as diversas realidades que compõem o Movimento.

www.focolare.org | info@focolare.org | **Todos os direitos reservados**

Sommario

Quem é Chiara?

Chiara, um instrumento nas mãos do Pai

O projeto de Deus é revelado

Chiara Lubich: Eu tenho um sonho

Chiara e os inícios do Movimento

Mais do que irmãs

1949

Chiara e os co-fundadores

Pasquale Foresi

Igino Giordani

Idade de maturação

Anos de incerteza. A aprovação da Santa Sé.

Portas abertas

Reconhecimentos

Edificando a Obra de Maria

Os últimos anos de Chiara

Cronologia

Causa de Canonização

Recordando Chiara

Quem é Chiara?

Chiara, um instrumento nas mãos do Pai

No dia 7 de dezembro de 1943, Silvia Lubich, jovem professora, jamais teria imaginado que, alguns decênios mais tarde, tantas personalidades do mundo civil e religioso – dentre as quais quatro Papas – teriam pronunciado palavras muito comprometedoras sobre a sua pessoa e sobre a sua família espiritual. Não tinha nenhuma ideia do que teria visto e vivido em seus 88 anos de vida. Não podia calcular os milhões de pessoas que a seguiriam. Não imaginava que com o seu ideal chegaria a 182 nações. Teria podido pensar que iria inaugurar uma nova era de comunhão na Igreja e que teria aberto canais de diálogo ecumênico nunca antes percorridos?

E muito menos podia imaginar que na sua família teria acolhido fieis de outras religiões, pessoas sem uma referência religiosa. Aliás, não tinha nem mesmo a ideia que teria fundado um movimento.

Naquele dia 7 de dezembro de 1943 “Silvia” tinha apenas os sentimentos de uma jovem mulher enamorada pelo seu Deus, com o qual firmava um pacto de núpcias, timbrado com três cravos vermelhos. Isso lhe bastava. Poderia imaginar a coroa de gente de todas as idades, posições sociais e pontos da terra, que a teria acompanhado em suas viagens, chamando-a simplesmente “Chiara” (“Clara”, nome tomado da admirada santa de Assis)?

Poderia supor, na sua pequena Trento, que suas intuições místicas teriam descerrado uma cultura da unidade, adequada à sociedade multiétnica, multicultural e multirreligiosa? Chiara Lubich precedeu os tempos.

Mulher, leiga, ela propôs na Igreja temas e aberturas que mais tarde seriam retomadas pelo Concílio Vaticano II. Quando

ninguém falava de aproximação entre civilizações, ela soube indicar, na sociedade internacionalizada, o caminho da fraternidade universal. Respeitou a vida e buscou o sentido do sofrimento. Traçou um caminho de santidade, religiosa e civil, praticável por qualquer pessoa, não reservada a poucos eleitos.

Em 1977, no Congresso Eucarístico de Pescara, na Itália, ela disse: «A caneta não sabe o que deverá escrever, o pincel não sabe o que deverá pintar e o cinzel não sabe o que deverá esculpir. Quando Deus toma em suas mãos uma criatura, para fazer surgir uma obra Sua na Igreja, a pessoa escolhida não sabe o que deverá fazer. É um instrumento. Creio que este é o meu caso».

E continuou: «Fecundidade e difusão desproporcionais a qualquer força ou capacidade humana, cruces, cruces, mas também frutos, frutos, frutos abundantes. E os instrumentos de Deus tem, em geral, uma característica: a pequenez, a fragilidade... Enquanto o instrumento move-se nas mãos de Deus, Ele o forma, com muitos e muitos expedientes, dolorosos e jucundos. E assim o torna cada vez mais apto ao trabalho que deve realizar. Até que, tendo conquistado um profundo conhecimento de si, e uma certa intuição de Deus, pode dizer com competência: eu sou nada, Deus é tudo. Quando a aventura iniciou, em Trento, eu não tinha um programa, não sabia nada. A ideia do Movimento estava em Deus, o projeto no Céu».

Chiara Lubich está na origem do Movimento dos Focolares. Nasceu em 22 de janeiro de 1920, em Trento, morreu em 14 de março de 2008, em Rocca di Papa, circundada pelo seu povo. Nos dias seguintes, milhares de pessoas, de simples operários a personalidade do mundo político e religioso, chegaram a Rocca di Papa para homenageá-la.

O projeto de Deus é revelado

Silvia – este era o nome de batismo de Chiara Lubich – nasceu em Trento dia 22 de janeiro de 1920, segunda de quatro filhos. Seu pai, Luigi, comerciante de vinhos, ex-tipógrafo, antifascista e socialista, irreduzível adversário político de Mussolini. Sua mãe, Luigia, possuía uma fé sólida e tradicional. O irmão mais velho, Gino, depois de concluir os estudos de medicina participou da resistência, nas célebres Brigadas Garibaldi, para depois dedicar-se ao jornalismo, escrevendo no então jornal do Partido Comunista, “A Unidade”.

Aos 18 anos Silvia diplomou-se como professora primária, com a nota máxima. Seu desejo era estudar e por isso tentou entrar na Universidade Católica. Não conseguiu, tendo se classificado em 34º lugar quando havia 33 vagas gratuitas disponíveis. Sim, porque a família Lubich não possuía recursos suficientes para os seus estudos em outra cidade. E assim teve que trabalhar. No ano letivo 1940-1941 ensinou na Obra Seráfica de Trento.

Uma viagem, em 1939, será o ponto de partida decisivo da sua experiência humano-divina. «Fui convidada a um congresso de estudantes católicas, em Loreto – ela escreveu – onde, segundo a tradição, está conservada a casinha da Sagrada Família de Nazaré, em uma grande igreja-fortaleza... Num colégio participava do curso, com todas as outras, mas logo que podia corria para lá. Ajoelhava-me ao lado da parede enegrecida pelas lâmpadas. Algo de novo e divino me envolvia, quase me esmagava. Com o pensamento contemplava a vida virginal dos três. (...). Cada pensamento pesava sobre mim, apertava o meu coração, as lágrimas caíam sem controle. Em todos os intervalos do curso voltava correndo para lá. No último

dia a igreja estava lotada de jovens. Tive um pensamento claro, que nunca mais se cancelou: uma multidão de virgens a seguirá».

Quando retornou a Trento, Chiara encontrou seus alunos e o pároco, que sempre a tinha acompanhado naqueles meses. Quando ele a viu radiante, uma moça realmente feliz, perguntou se tinha encontrado o seu caminho. A resposta de Chiara foi (para ele) aparentemente decepcionante, porque ela sabia dizer apenas quais as vocações que não eram a “sua”, ou seja, as tradicionais: nem o convento, nem o matrimônio, nem a consagração no mundo. E nada mais.

Nos anos que seguiram, da visita a Loreto, 1939, até 1943, continuou a estudar, trabalhar e colocar-se a serviço da Igreja local. Quando se tornou uma terciária franciscana assumiu o nome de Chiara (Clara, em menção a Santa Clara de Assis).

Em 1943, já com 23 anos, enquanto ia pegar o leite na localidade de Nossa Senhora Branca, a dois quilômetros de sua casa, no lugar de suas irmãs que haviam se recusado ao pedido da mãe, devido ao frio intenso, exatamente quando passava por baixo de uma ponte ferroviária, Chiara sentiu que Deus a chamava: «Doe-se completamente a mim». Ela não perdeu tempo e, com uma carta, pediu a um sacerdote capuchinho, padre Casimiro Bonetti, a permissão para fazer um ato de total doação a Deus. Obteve a permissão após uma profunda conversa. No dia 7 de dezembro de 1943, às 6 horas da manhã, ela se consagrou. Naquele dia Chiara não tinha em seu coração nenhuma intenção de fundar alguma coisa: simplesmente desposava Deus. E isso, para ela, era tudo. Somente mais tarde atribuiu-se àquela data o início simbólico do Movimento dos Focolares.

Nos meses sucessivos várias jovens se aproximaram de Chiara e algumas quiseram seguir o seu caminho:

primeiramente Natalia Dallapiccola, depois Doriana Zamboni e Giosi Guella, em seguida Graziella De Luca e as duas irmãs, Gisella e Ginetta Calliari, Bruna Tomasi, Marilen Holzhauser, Aletta Salizzoni, e outras duas irmãs, Valeria e Angelella Ronchetti. E isso tudo acontecia não obstante a estrada do focolare não possuísse absolutamente nada de definido, a não ser o “radicalismo evangélico absoluto” de Chiara.

Naqueles meses a guerra desencadeou-se em Trento também. Ruínas, destroços, mortos. Chiara e suas novas companheiras encontravam-se nos abrigos antiaéreos, durante os bombardeios. O desejo de estar juntas era forte, de colocar em prática o Evangelho, depois daquela fulgurante intuição que as levava a colocar Deus Amor no centro de suas jovens vidas. «Cada acontecimento nos tocava profundamente – Chiara dirá mais tarde –. A lição que Deus nos dava, por meio das circunstâncias, era clara: tudo é vaidade das vaidades, tudo passa. Mas, ao mesmo tempo, Deus colocava no meu coração, para todas, uma pergunta, e com ela a resposta: “Mas existirá um ideal que não morre, que nenhuma bomba pode destruir, ao qual doar-nos inteiramente?”. Sim, Deus. Decidimos fazer Dele o ideal da nossa vida».

No mês de maio, no porão da casa de Natalia Dallapiccola, à luz de vela leram o Evangelho, como já era um hábito para elas. O abriram ao acaso e encontraram a oração de Jesus antes de morrer: “Pai que todos sejam um coisa só” (Jo 17,21). É um texto evangélico extraordinário e complexo, o testamento de Jesus, estudado por exegetas e teólogos de toda a cristandade; mas naquela época um tanto esquecido, porque misterioso demais. E não só, a palavra “unidade” tinha entrado no vocabulário dos comunistas, que, num certo sentido, exigiam o seu monopólio. «Mas aquelas palavras pareciam se iluminar, uma a uma – Chiara escreverá – e colocaram em nosso coração

a convicção que tínhamos nascido para “aquela” página do Evangelho».

Poucos meses antes, em 24 de janeiro, um sacerdote havia perguntado: «Vocês sabem qual foi o maior sofrimento de Jesus?». Seguindo a mentalidade corrente entre os cristãos daquele tempo, elas responderam: «O que Ele passou no Monte das Oliveiras». Mas o sacerdote replicou: «Não, Jesus sofreu mais na cruz, quando gritou: “meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46)». Impressionada por aquelas palavras, logo que ficaram sozinhas, Chiara dirigiu-se à sua companheira: «Temos uma vida só, vamos usá-la da melhor forma! Se o maior sofrimento de Jesus foi o abandono por parte do seu Pai, nós seguiremos Jesus abandonado». A partir daquele momento Ele se tornou para Chiara o Esposo, o único da vida.

A guerra não dava tréguas e grande parte das famílias das jovens se refugiou nos vales e montanhas circunvizinhos. Mas elas decidiram permanecer em Trento, algumas por motivo de trabalho, outras de estudo, e quem, como Chiara, para não abandonar as muitas pessoas que começavam a congregar-se. Chiara encontrou moradia no número dois da Praça dos Capuchinhos, na periferia de Trento, para onde ela e algumas de suas novas amigas – primeiro Natalia Dallapiccola, e depois as outras – se transferiram. Foi o primeiro focolare. Uma casa modesta, de dois cômodos, na rua arborizada aos pés da igreja dos Capuchinhos; a chamavam simplesmente, “a casinha”.

Durante aqueles meses, as jovens que moravam lá, mas também as pessoas que o frequentavam, perceberam um salto de qualidade em suas vidas. Tinham a impressão que Jesus realizava a sua promessa: «Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome eu estou no meio deles» (Mt 18,20). Não queriam mais perdê-lo, e faziam de tudo para evitar que,

por culpa delas, a Sua presença desaparecesse. «Mais tarde, muito mais tarde – Chiara Lubich irá precisar – pudemos entender. Aquela era uma reprodução, em germe e sui generis, da casinha de Nazaré: uma convivência de virgens (e logo também de casados) com Jesus entre eles». Era o “focolare”, aquele lugar onde o fogo do amor aquece os corações e sacia as mentes. E Chiara explicava às suas companheiras: «Mas para tê-lo entre nós é preciso estar prontas a dar a vida umas pelas outras. Jesus está presente espiritualmente e plenamente entre nós, se estamos unidas assim. Ele que disse: “Que sejam uma coisa só a fim de que o mundo creia” (Gv 17,21)».

Ao redor de Chiara e das jovens do focolare se multiplicaram uma série impressionante de adesões ao projeto da unidade, que se mostrava inovador, ainda que apenas esboçado. E não faltaram as mais variadas conversões. Vocações em perigo eram salvas e novas desabrochavam. Sem demora, mas se poderia dizer quase imediatamente, também rapazes e pessoas adultas uniram-se ao grupo. Recorda-se, daquele período, as concorridas e intensas reuniões de sábado à tarde, às 15 horas, na Sala Massaia. Lá Chiara contava experiências do Evangelho vivido e anunciava as primeiras descobertas daquela que, em seguida, se tornaria a “espiritualidade da unidade”. O fervor crescia de forma desmedida, tanto que já em 1945, cerca de 500 pessoas desejavam viver o mesmo ideal, e eram de todas as idades, homens e mulheres, de qualquer vocação e extração social. Entre eles tudo era colocado em comum, assim como acontecia nas primeiras comunidades cristãs..

No Evangelho leram a frase: «Dai e vos será dado» (Lc 6,38). E essas palavras se transformaram em experiência cotidiana. Davam, davam sempre, as jovens e seus amigos, continuavam a doar, e recebiam, recebiam sempre, doavam e

recebiam. Havia só um ovo em casa, para todas? O deram a um pobre que bateu à porta. Naquela mesma manhã alguém deixou um saquinho na porta da casa... com ovos! Está escrito também: «Pedi e receberéis» (Mt 7,7). E em plena guerra chegavam sacos de farinha, caixas de leite, frascos de geleia, feixes de lenha, roupas. Não raramente, no focolare, com uma bonita toalha de mesa e as atenções devidas às pessoas importantes, sentavam-se à mesa uma focolarina e um pobre, uma focolarina e um pobre...

No dia da festa de Cristo Rei, de 1945, Chiara e suas companheiras encontraram-se ao redor do altar, depois da Missa. Dirigiram-se a Jesus com a simplicidade de quem entendeu o que significa ser filhos. E rezaram: «Tu sabes como realizar a unidade, o ut omnes unum sint. Estamos aqui. Se queres, usa de nós». A liturgia daquele dia as fascinara: «Pede-me e te darei todos os povos e em domínio os confins da terra (Salmo 2)». E com a sua simplicidade, totalmente evangélica, não pediram menos do que «os últimos confins da terra». Acreditavam na onipotência de Deus. O comportamento das jovens da “casinha” surpreendia quem as encontrava.

E tudo isso não podia deixar indiferente a cidade, que então contava poucas dezenas de milhares de habitantes, e nem mesmo a Igreja local. Dom Carlo De Ferrari entendeu Chiara e a sua nova aventura, e a abençoou. A sua aprovação e bênção acompanharam o movimento até a sua morte. A partir daquele momento, quase inadvertidamente, foram ultrapassadas as fronteiras da região, convidadas à Milão, Roma, Sicília. E em toda parte floresciam comunidades cristãs, como aquela de Trento. O caminho levaria longe: em 1956 começou a se espalhar na Europa, em 1958 na América Latina, em 1961 na América do Norte. Em 1963 foi a vez da África, em 1966 a da Ásia e em 1967 da Austrália.

Hoje, o Movimento dos Focolares está presente em 194 países e conta com mais de 2 milhões de membros e principalmente simpatizantes católicos. Também inclui crentes de outras religiões, incluindo judeus, muçulmanos, budistas, hindus, sikhs e pessoas de crenças não religiosas.

Chiara Lubich morre em 14 de março de 2008 em Rocca di Papa, cercada por seu povo. Nos dias seguintes, milhares de pessoas, de trabalhadores simples a personalidades do mundo político e religioso, chegam a Rocca di Papa para homenageá-lo.

O funeral acontece na Basílica de São Paulo fora dos muros, incapaz de conter a grande multidão apressada (40.000 pessoas). Em sua mensagem, Bento XVI define Chiara como "uma mulher de fé intrépida, mansa mensageira da esperança e da paz". O Secretário de Estado preside a concelebração eucarística juntamente com 9 cardeais, 40 bispos e centenas de sacerdotes.

Em 27 de janeiro de 2015, a causa da beatificação de Chiara é aberta. Suas palavras sempre ressoam: "Eu gostaria da Obra de Maria, no final dos tempos, quando, compacta, estará esperando para aparecer diante de Jesus abandonado e ressuscitado, pode repetir:" Naquele dia, meu Deus, eu voltarei a você ... com meu sonho mais louco: traga o mundo para os seus braços ". Pai, deixe todo mundo ser um!

Chiara Lubich: Eu tenho um sonho

No limiar do ano 2000, a fundadora dos Focolares expressou o seu grande sonho, cheio de esperança. Embora angustiados pelos dramáticos acontecimentos que oprimem a

humanidade de hoje, nós queremos que seja também o nosso sonho.

«Observando o que o Espírito Santo fez conosco e com muitas outras obras espirituais e sociais que hoje são ativas na Igreja, é impossível não esperar que Ele continue agindo com a mesma generosidade e magnanimidade.

E isso não só pensando em novas obras que nascerão do Seu amor, mas no desenvolvimento daquelas já existentes, como a nossa.

Para a nossa Igreja, sonho com um clima mais condizente com o seu ser Esposa de Cristo; uma Igreja que se apresente ao mundo mais bonita, mais unida, mais santa, mais carismática, mais familiar, mais íntima, mais configurada a Cristo seu Esposo. Sonho que ela seja um farol para a humanidade e que todo o povo de Deus se santifique num modo jamais visto.

Sonho que o despertar – que hoje se constata – na consciência de milhões de pessoas de uma fraternidade vivida, cada vez mais ampla na terra, torne-se amanhã, no decorrer do terceiro milênio, uma realidade geral, universal.

Por isso, sonho com o desaparecimento das guerras, das lutas, da fome, dos mil males do mundo.

Sonho com um diálogo de amor entre as Igrejas cada vez mais intenso, que nos faça avistar a composição da única Igreja.

Sonho com o aprofundamento do diálogo vivo e ativo entre pessoas das mais diferentes religiões, ligadas entre si pelo amor, “regra de ouro” presente em todos os livros sagrados.

Sonho com a aproximação e o enriquecimento recíproco das várias culturas no mundo, a fim de que deem origem a uma cultura mundial que coloque em primeiro plano os valores que sempre foram a verdadeira riqueza de cada povo e que esses valores se imponham como sabedoria global.

Sonho que o Espírito Santo continue a inundar as Igrejas e a potencializar as “sementes do Verbo”, que existem fora delas, de modo que o mundo seja invadido por contínuas novidades de luz, de vida, de obras que só Ele sabe suscitar. A fim de que um número cada vez maior de homens e mulheres se encaminhe por retos caminhos, conflua para o seu Criador, coloque o próprio espírito e coração a Seu serviço.

Sonho com relacionamentos evangélicos não só interpessoais, mas entre grupos, Movimentos, Associações religiosas e leigas, entre povos, entre países, de maneira que se torne lógico amar a pátria alheia como a própria e lógico tender a uma comunhão de bens universal: pelo menos como ponto de chegada.

[..] Sonho já com uma antecipação de céus novos e da terra nova, como é possível aqui. Sonho alto, mas temos um milênio para vê-lo realizar-se».

Chiara Lubich

Chiara e os inícios do Movimento

Mais do que irmãs

Trazemos aqui um trecho do artigo de Florence Gillet tirado do quotidiano “Osservatore romano” de 3 de abril de 2018. Chiara Lubich e as suas primeiras companheiras: “Corre sangue de casa, mas celeste”.

«Nunca seremos capazes de avaliar a ajuda que os irmãos nos dão. Quanta coragem infunde em nós a fé que eles têm, quanto calor o seu amor, como nos arrasta o exemplo deles!». Chiara Lubich (1920-2008), autora destas linhas, é conhecida como aquela que soube arrastar atrás de Cristo centenas de milhares de pessoas, que entretece relacionamentos com budistas, muçulmanos, é seguida por pessoas sem convicções religiosas e dá um novo alento de vida à política, à economia. Sobre a balança das contribuições que tornaram Silvia Lubich simplesmente “Chiara”, pesa não pouco a amizade com as suas primeiras companheiras. Tudo começou com uma escolha de Deus, e com a consagração na virgindade em 1943, em Trento. Mas bem cedo não é um “eu”, mas um sujeito coletivo que se move, age, reza e ama: Chiara e as suas primeiras companheiras teriam se tornado faróis nos cinco continentes.

Esta história beira ao inacreditável e, no entanto, é simples. Podemos entender se abrimos o Evangelho no capítulo 13 de João: «Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros» (João, 13, 34). Um mandamento que só pode ser posto em prática juntos. Quando, nos refúgios antiaéreos, ouvem esta passagem, trocam entre si um olhar de entendimento, enquanto avaliam o compromisso exigido. Não hesitam em se declararem reciprocamente: «Eu

estou pronta a te amar até dar a vida por ti». Chiara considerará isto a pedra angular sobre a qual apoiará o edifício do Movimento dos Focolares. Certamente não é uma coisa inédita na história da Igreja. Mas há talvez algo novo. Chiara transmite às companheiras aquilo que vive e tudo o que o Espírito Santo lhe inspira. Entre elas existe um vínculo sólido como a rocha, e eu gostaria de ilustrar a qualidade deste relacionamento que valoriza, liberta as potencialidades e edifica uma obra de Deus.

Estamos em 1954. Já se passaram uns dez anos. Em Roma, com Chiara, vivem Giosi, Graziella, Natalia, Vittoria (chamada Aletta), Marilen, Bruna, Giulia (Eli). Um dia, enquanto Chiara se detém as observando, lhe vem em mente uma frase do livro dos Provérbios: «A Dama Sabedoria construiu sua casa, talhando sete colunas» (Provérbios 9, 1). Vê sete jovens mulheres, cada uma com um talento, unidas e enraizadas em Deus. Eis as sete colunas da sabedoria, as sete cores do arco-íris que brotam de uma única luz, o amor. Sete aspectos do amor, interdependentes, fluentes uns dos outros e uns nos outros. A Giosi, Chiara confia a gestão da comunhão dos bens e dos salários, além do cuidado pelos pobres: o vermelho do amor. A Graziella, confia «o testemunho e a irradiação», o alaranjado. Natalia foi a primeira companheira: a ela cabe personificar o coração deste ideal, o grito de Jesus abandonado a ser amado. Levará este segredo para além da Cortina de ferro. Era a espiritualidade e a vida de oração, o amarelo do arco-íris. Aletta será lembrada como aquela que infundiu entre os membros do Movimento o empenho de cuidar da saúde, para formar uma comunidade unida no amor: fez isso no Oriente Médio em guerra. Chiara lhe confiou a natureza e a vida física, o verde. A Marilen, que viveu quinze anos na floresta da Rep. dos Camarões, no meio de uma tribo e testemunhou um respeito incondicional pela cultura deles, Chiara confiou o azul: a

harmonia e a casa. Bruna era uma intelectual e Chiara a viu como aquela que devia desenvolver o aspecto dos estudos: o anil. A Eli, que sempre estava ao lado de Chiara, cuidando para que todos os membros no mundo vivessem em uníssono, foi confiado o aspecto da «unidade e meios de comunicação», o violeta. Outras companheiras terão, sucessivamente, funções particulares: Dori, Ginetta, Gis, Valeria, Lia, Silvana, Palmira.

Chiara mesma quis explicar: «A filadelfia (amor fraterno) é mais do que uma realidade. É aqui que eu tomo força para enfrentar as cruzes, depois da união direta com Jesus. Umas se preocupam com as outras de acordo com a necessidade. Aqui se vai da sabedoria comunicada [...] aos conselhos práticos sobre a saúde, sobre a roupa, sobre a casa, sobre a comida, a ajudas contínuas. Aqui você está convencido de que nunca será julgado, mas amado, desculpado, ajudado. Aqui corre sangue de casa, mas celeste. Quando quero verificar se a minha inspiração é uma inspiração, se um artigo deve ser corrigido, eu o leio a elas pedindo só o vazio absoluto de julgamento. Elas fazem assim e eu sinto que aumenta a voz de Jesus dentro: “Aqui está bom, aqui comece de novo, aqui explique melhor”. Releio com elas o texto e o encontramos como desejado». Não surpreende que, como testamento, Chiara tenha deixado esta frase: «Sejam sempre uma família».

1949

No verão de 1949 o deputado Igino Giordani, que há alguns meses havia conhecido a espiritualidade da unidade, foi encontrar Chiara Lubich nas montanhas de Tonadico, no norte da Itália, onde ela se encontrava para um período de repouso.

A pequena comunidade de Trento, que já se espalhara em diversas cidades da Itália, nas semanas precedentes tinha vivido com intensidade a passagem do Evangelho de Mateus sobre o abandono de Jesus na cruz. No dia 16 de julho iniciou um período de magnitude extraordinária, hoje conhecido como Paraíso de 1949.

Mais tarde Chiara escreveu, a propósito daqueles meses: «Se 1943 foi o ano da origem do Movimento, o ano de 1949 assinalou um salto avante. Circunstâncias impensadas, mas previstas pela Providência, fizeram com que o primeiro grupo dos membros do Movimento se retirasse do “mundo”, nas montanhas, para um período de repouso. Devíamos estar longe dos homens, mas não podíamos nos afastar daquele modo de viver que constituía o porquê da nossa existência. Um pequeno e rústico chalé de montanha nos hospedou, na pobreza. Estávamos sós, nós e o nosso grande Ideal vivido momento por momento, com Jesus Eucaristia, vínculo de unidade, de quem nos nutríamos todos os dias; sozinhos no repouso, na oração e na meditação.

«E teve início um tempo de graças especiais. Tínhamos a impressão que o Senhor abrisse aos olhos da alma o Reino de Deus que estava entre nós. A Trindade que habita em uma célula do Corpo místico: “Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam uma coisa só, como nós”. E nos pareceu entender que a Obra que estava nascendo não teria sido outra coisa senão uma presença mística de Maria na Igreja.

Naturalmente não teríamos mais descido da montanha, pequeno Tabor da nossa alma, se a vontade de Deus não fosse diferente. E foi somente o amor a Jesus crucificado e abandonado, que vive na humanidade imersa nas trevas, que nos deu a coragem».

Em outra ocasião Chiara afirmou: «Teve início um período luminoso especial, no qual, entre outras coisas, tivemos a impressão que Deus desejasse fazer-nos intuir alguns de seus desígnios sobre o Movimento».

Nos anos sucessivos Chiara nada mais fez do que realizar o que lhe havia sido doado naquele verão de luz.

Chiara e os co-fundadores

No caminho que levou Chiara Lubich a uma progressiva compreensão do plano de Deus para o Movimento dos Focolares e que viu o carisma da unidade suscitar obras e intuições proféticas no mundo, um papel decisivo foi jogado por duas figuras exemplares: o focolarino Pasquale Foresi, sacerdote e teólogo, e o deputado, escritor e jornalista, Iginio Giordani, casado e pai de quatro filhos. Serão respectivamente o primeiro sacerdote focolarino e o primeiro focolarino conjugado. A própria Chiara logo os reconheceria como co-fundadores do Movimento.

Pasquale Foresi

Chiara Lubich sempre percebeu que Pasquale Foresi tinha um papel especial para o desenvolvimento do Movimento dos Focolares: o da encarnação do carisma da unidade, e por isso o considerava, junto a Iginio Giordani, um seu cofundador.

Em 1949, ano em que conheceu Chiara e o Movimento, Pasquale Foresi era um jovem em busca. Havia sentido a vocação ao sacerdócio e frequentava o seminário de Pistoia e o Colégio Capranica, em Roma.

Ele conta: “Estava contente, satisfeito com a minha escolha. Porém, num determinado momento, não tive uma crise de fé, mas simplesmente repensei. (...). Surgiu então a dúvida se podia me direcionar ao sacerdócio com estas dificuldades interiores, e momentaneamente suspendi os estudos. Foi naqueles tempos que conheci o Movimento dos

Focolares (...). Nas pessoas que participavam dele notei uma fé absoluta na Igreja católica e, ao mesmo tempo, uma vida evangélica radical. Entendi que aquele era o meu lugar e, muito em breve, a ideia do sacerdócio retornou”.

Tornou-se o primeiro focolarino sacerdote. Depois dele outros focolarinos perceberam este chamado especial, a serviço do Movimento.

Pasquale reconheceu, nos primeiros passos dados por Chiara Lubich e as suas companheiras, “uma bolha evangélica que irrompeu na Igreja” e, revestido do ministério sacerdotal, iniciou uma integração que o levou a contribuir de forma fundamental para o desenvolvimento do Movimento, como estreito colaborador da fundadora.

Com relação aos principais encargos confiados a ele, o próprio Foresi escreve: Movimento dos Focolares Pasquale Foresi “Porque era sacerdote fui encarregado de manter os primeiros relacionamentos do Movimento dos Focolares com a Santa Sé. Outra função minha, com o passar do tempo, foi a de acompanhar o desenvolvimento do Movimento e colaborar, diretamente com Chiara, na redação dos vários estatutos. Pude também suscitar e seguir obras concretas a serviço do Movimento, como o Centro Mariápolis, para a formação dos membros, em Rocca di Papa, a Mariápolis permanente de Loppiano, a casa editora Città Nuova, em Roma, e outras obras que foram se multiplicando pelo mundo”.

Mas existe ainda outro aspecto característico da sua vida ao lado de Chiara, que talvez represente melhor que os outros a contribuição especial que ele deu ao desenvolvimento do Movimento. Escreveu: “Está na lógica das coisas que cada nova corrente de espiritualidade, todo grande carisma, traga incrementos culturais, em todos os níveis. Se olhamos a história constatamos que isto sempre aconteceu, com reflexos na

arquitetura, na arte, nas estruturas eclesiais e sociais, nos vários setores do pensamento humano e especialmente na teologia”.

Por inúmeras vezes ele interveio, com a palavra e com a escrita, ao apresentar a teologia do carisma de Chiara na sua dimensão social e espiritual, salientando, com autoridade, a novidade que encerra, seja relativamente à vida que ao pensamento. Das suas páginas brota “uma perspicácia de análise, uma amplitude de visão e um otimismo no futuro, possíveis devido à sabedoria que nasce de uma forte e original experiência carismática, além dos abismos de luz e de amor, de humildade e fidelidade, que somente Deus pode escavar na vida de uma pessoa”.

(Do prefácio de “Colóquios”, perguntas e respostas sobre a espiritualidade da unidade)

Biografia

Nascido em Livorno em 1929 em uma família cristã (o pai, Palmiro Foresi, foi eleito em 1946 para a Assembleia Constituinte, pela Democracia Cristã, e foi deputado na primeira e na segunda Legislatura), com apenas 14 anos foge durante uma noite para se juntar aos grupos da Resistência que lutam por uma nova Itália. É nesse período que nasce nele a ideia do sacerdócio. Quando volta para casa, entra no seminário diocesano de Pistoia (para onde a família havia se mudado) e depois vai a Roma para frequentar a Universidade Gregoriana. Essa vida, porém, parece não satisfazê-lo completamente,

Nesse meio tempo, o pai conhece o deputado Iginio Giordani que, por sua vez, apresenta-lhe Chiara Lubich. Profundamente tocado pelo radicalismo evangélico da jovem, o deputado Foresi espera fazer com que ela se encontre com o filho, que está em busca de um cristianismo autêntico, e

organiza um encontro também com a elite católica da cidade. Como não pode ir pessoalmente, Chiara manda Graziella De Luca, uma de suas primeiras companheiras, que por um engano chega a Pistoia um dia depois daquele marcado. Quem a recebe na casa dos Foresi é Pasquale, que, por pura cortesia, lhe dirige algumas perguntas sobre sua experiência espiritual e fica profundamente tocado por esta a ponto de pedir para conhecer Chiara.

No Natal de 1949, Pasquale a encontra em Trento e pouco tempo depois decide ir morar na primeira comunidade masculina do Movimento dos Focolares em Roma. Lá, encontra a confirmação da própria vocação e sente reflorescer também o chamado ao sacerdócio. Ele conta: “Não era entrar em uma instituição religiosa mais bela e mais santa que as outras, mas era fazer parte de uma revolução cristã religiosa e civil que renovaria a Igreja e a humanidade”. Em 1954, torna-se o primeiro focolarino sacerdote.

Chiara encontra com Pasquale uma afinidade especial e lhe pede que compartilhe a direção do Movimento.

Pelo seu profundo conhecimento da teologia, Pasquale Foresi sabe reconhecer todo o valor teológico e doutrinal contido nas intuições de Chiara e torna-se interlocutor qualificado nos relacionamentos com a Igreja, sobretudo quando o nascente Movimento está sob estudo do Santo Ofício.

A principal função de pe. Foresi foi a de ajudar Chiara a concretizar em obras o Carisma da Unidade: a cidadezinha de testemunho de Loppiano, próxima a Florença, o grupo editorial Cidade Nova, o Instituto Universitário Sophia que surge em Loppiano em 2007.

“A uma certa altura”, ele mesmo conta, “tive a impressão de ter errado tudo na minha vida e, particularmente, que

aquelas coisas positivas que eu poderia ter ajudado a fazer, eram minhas e não de Deus”. Uma angústia espiritual, a sua, que vive como purificação por parte de Deus. E é justamente durante essa prova espiritual, que parece comprometer também seu bem-estar físico, que têm maior realização as inúmeras obras que Chiara vê se concretizarem com pe. Foresi ao seu lado, na veste de Copresidente.

De relevância os seus livros *Teologia della socialità* [Teologia da socialidade] e *Conversazioni con i focolarini* [Meditações para o homem de hoje], fonte de inspiração inclusive para outros autores do Movimento.

Ele nos deixou no dia 14 de junho de 2015.

Igino Giordani

Igino Giordani é um intelectual dificilmente etiquetável. Não podemos chamá-lo de pensador político ou jornalista, ou estudioso de literatura cristã antiga, ou hagiógrafo ou histórico, com a ambição de conseguir explicar suficientemente os seus talentos. Era animado por grandes paixões e impulsionado à vida pública por uma multiplicidade de interesses. Foi dito que “para ele escrever é viver”, portanto uma leitura da figura de Giordani pode passar (quase) facilmente pela análise dos seus escritos. Podem-se contar cerca de uma centena de volumes assinados e mais de quatro mil artigos em jornais.

A aventura da unidade

Igino Giordani foi definido por Chiara Lubich um dos “cofundadores” do Movimento dos Focolares. Um focolarino único e especial, chamado familiarmente, por todos no

Movimento, de “Foco” (“Fogo”). Embora amante incansável da paz, na primeira guerra mundial tornou-se um oficial, foi ferido e condecorado. Professor, antifascista, bibliotecário, casado e pai de quatro filhos, era um conhecido polemista do círculo católico, pioneiro no comprometimento dos cristãos em política, escritor e jornalista. Depois da Segunda Guerra Mundial, vivida como antifascista constringido ao exílio, foi eleito para a Assembleia constituinte. Foi deputado, leigo iluminado, pioneiro do ecumenismo. E ainda, foi ele que levou a realidade dos leigos casados e da família para dentro do focolare, abrindo-o, de certa maneira, à humanidade inteira.

O encontro com Chiara aconteceu em seu gabinete, na Câmara dos Deputados, no Palácio Montecitorio, em Roma, em setembro de 1948. Estava atravessando um momento particularmente difícil de sua vida, seja espiritual que política: «Estudava temas religiosos com paixão – escreveu no volume póstumo Memórias de um cristão ingênuo – mas até para não pensar na minha alma, cujo aspecto não me edificava. O tédio pesava sobre ela, e para não confessar esta sua paralisia, me aprisionava no estudo e me cansava na ação. Pensava que não havia nada a ser feito. De algum modo possuía todos os setores da cultura religiosa: apologética, ascética, mística, dogmática, moral... mas os possuía culturalmente. Não os vivia interiormente».

Naquele dia, diante da sua escrivania sentou-se um grupo heterogêneo, que para um homem conhecedor da vida eclesial como era Giordani, pareceu logo original, desde a sua composição: um padre conventual, um da ordem menor, um capuchinho e um terciário e uma terciária franciscana, ou seja, a própria Chiara. Um encontro que começou com cordialidade, como era habitual para o nobre parlamentar. Mas ele escreveu, mais tarde: «Vê-los unidos e concordes já me pareceu um

milagre da unidade». Chiara tomou a palavra, acolhida pelo cortês ceticismo do deputado. «Tinha certeza de escutar uma sentimental propagandista de alguma utopia assistencial». Mas não foi absolutamente assim. «Naquela voz havia um timbre inusitado – comentará Giordani – o timbre de uma convicção profunda e segura, que nascia de um sentimento sobrenatural. Por isso a minha curiosidade imediatamente se acordou e um fogo começou a se alastrar. Quando ela terminou de falar, depois de meia hora, eu estava tomado por uma atmosfera encantada: como um nimbo de luz e de felicidade. E teria desejado que aquela voz continuasse. Era a voz que, sem me dar conta, havia esperado. Ela colocava a santidade ao alcance de todos».

Giordani pediu que Chiara colocasse por escrito o que queria dizer, o que ela fez rapidamente. Mas, pessoalmente, desejou aprofundar aquele conhecimento. Aos poucos reconheceu na experiência do focolare a atuação do profundo desejo de João Crisóstomo, que os leigos vivessem como monges, mas sem o celibato. «Dentro de mim havia cultivado muito aquele desejo, e por isso amava a instrução do franciscanismo no meio do povo e a direção espiritual de santa Catarina aos seus seguidores, e havia apoiado iniciativas que pareciam desembocar na remoção das barreiras entrepostas entre monaquismo e laicato, entre consagrados e gente comum. Barreiras atrás das quais a Igreja sofria, como Cristo no Monte das Oliveiras. Algo aconteceu em mim. Aqueles pedaços de cultura justapostos começaram a se mover e animar-se, engrenando-se para formar um corpo vivo, percorrido por um sangue generoso. O sangue do qual ardia santa Catarina? O amor tinha penetrado em mim e investido as ideias, atraindo-as numa órbita de alegria».

E para explicitar esta “descoberta” costumava usar uma frase, que repetiu a muitas pessoas nos últimos anos da sua vida, quando após o falecimento de sua amada esposa, Mya, foi morar no focolare, em Rocca di Papa. E dizia: «Saía da biblioteca atapetada de livros para a Igreja habitada por cristãos». Foi uma vera e própria conversão, uma nova conversão que «acordando-me da estase na qual parecia emoldurado, urgia em colocar-me numa paisagem nova, ilimitada, entre céu e terra, chamando-me novamente a caminhar». Atualmente encontra-se em andamento a causa de canonização de Iginio Giordani, chamado Foco.

Notas biográficas

Iginio Giordani nasceu em Tivoli (Itália), em 1894, em uma família de origem humilde, profundamente católica, que não podendo garantir seus estudos regulares, o direcionou aos trabalhos manuais. Mas o pequeno Iginio chamava a atenção pela sua inteligência, e o homem rico para quem trabalhava, tocado pela sua agudeza de espírito, pagou os seus estudos no seminário, onde Iginio irá estudar não para se tornar sacerdote, mas para ser um dos mais brilhantes diplomatas daquele tempo. Havia apenas terminado os estudos quando estourou a Primeira Guerra Mundial, e Iginio a passou nas trincheiras. Não disparou nem mesmo um tiro contra o inimigo, porque o cristianismo proíbe o assassinato, e por essa sua escolha corajosa acabou ferido gravemente.

Passando de um hospital militar a outro diplomou-se em letras e filosofia. Em 1920 casou-se com Mya, teve quatro filhos e começou a trabalhar para o recém-nascido partido político cristão italiano, fundado por Luigi Sturzo. O regime fascista destrói as liberdades e os direitos, e também Iginio é perseguido. São conhecidos alguns de seus escritos deste

período, nos quais denunciava as violências fascistas. Após uma permanência nos Estados Unidos retornou à Itália e tornou-se diretor de um ramo da Biblioteca Vaticana. De lá dirigia também a revista *Fides*, muito difundida nos ambientes católicos de todo o mundo. Esteve entre aqueles que, após o fascismo, prepararam o renascimento do partido católico, a Democracia Cristã, e foi eleito para o Parlamento nas primeiras eleições depois da Segunda Guerra Mundial.

O ano de 1948 foi decisivo para a sua vida. Tinha 54 anos, era um homem afirmado no campo político e cultural, e conheceu Chiara Lubich, uma jovem de 28 anos em quem ele reconheceu uma inspiração espiritual extraordinária. Aderiu completamente ao Movimento dos Focolares e, ao lado de Chiara, exerceu uma função importante para o desenvolvimento do Movimento e o aprofundamento espiritual da doutrina, a ponto de, mais de uma vez, ter sido designado por Chiara como cofundador. O seu relacionamento de unidade espiritual com a fundadora, de modo especial, está nas origens do intenso período místico de Chiara, conhecido como “Paraíso de 49”. Chiara percebeu com clareza o seu perfil humano, o que, para ela, traduziu-se na confirmação que o ideal da unidade era feito para todos, uma dádiva para a humanidade inteira. Iginò tornou-se o primeiro focolarino casado.

Entretanto, por algumas suas escolhas políticas corajosas propostas no Parlamento (antes de tudo o pacifismo e a unidade, não obstante as diferenças ideológicas), passou a ser considerado um democrata cristão por demais fora dos esquemas, e por isso não foi reeleito. Foi o momento para dedicar-se mais ao Movimento dos Focolares, para intervir nas questões em debate na Igreja, propondo teses que seriam recebidas no Concílio Vaticano II (principalmente relativas à

missão dos leigos). Tornou-se diretor da revista Cidade Nova (1959) e desde 1961 foi nomeado dirigente do Centro Uno, órgão do Movimento dos Focolares que se ocupa do ecumenismo. Em 1965 foi nomeado presidente do Instituto internacional Mysticus Corporis, em Loppiano. Após a morte de sua esposa, e com o consentimento dos filhos, viveu os últimos sete anos de sua vida em um focolare. Deixou esta terra no dia 18 de abril de 1980.

Atualmente está em andamento a sua causa de canonização.

Igino Giordani e a sua Tivoli

«Apesar de ter deambulado pelo mundo e de ter explorado doutrinas políticas e sociais, mas mantendo sempre o seu radicalismo romano e, num certo sentido, vaticano, Igino Giordani nunca cortou o cordão umbilical com a sua cidade de origem: Tivoli.

Basta percorrer as páginas nas quais Giordani fala da sua cidade, ou ler o seu romance A cidade fortificada, cuja acção de passa em Tivoli, para constatar como Giordani amou a sua Tivoli.

Nas Memórias de um cristão ingénuo, Giordani descreve o ambiente da sua cidade, com palavras tais que manifestam bem esta relação intensa, e com as quais parece que, em certo sentido, se queira justificar a si próprio, mas também as suas escolhas fundamentais, ao enquadrá-las naquele ambiente tipicamente tiburtino: alegre e indomável, corajoso e coerente, por vezes agressivo, mas sempre impelido pelo amor a Deus e à sabedoria.

Igino Giordani nasce numa família de origens humildes. Muitas vezes demonstrou a sua veneração por ambos os

progenitores, pela dignidade com que viviam os seus dias e pela fé cristã que marcava as etapas fundamentais da sua vida.

Em Tivoli, Giordani cresce humana e intelectualmente. Evidentemente não teve as oportunidades que uma criança inteligente como ele teria podido esperar: ele teve que lutar pelos estudos. O pai encaminha-o para uma profissão manual, a de pedreiro. Entretanto, ainda em criança, ao frequentar as cerimónias litúrgicas, fica encantado pela celebração da Missa. E apesar dela ser celebrada em latim, o pequeno Giordani decora algumas partes e, quando está sozinho, mesmo durante o trabalho, em vez de assobiar alguma cançoneta mundana, põe-se a declamar frases da Missa. A providência serve-se de Sor Facchini (o empresário para quem ele trabalha) que compreende que Iginò não era feito para a colher de pedreiro nem para o balde de cimento, mas para o estudo.

Então Sor Facchini decide financiar os estudos de Iginò no Seminário de Tivoli, que naquela altura era a instituição que melhor podia providenciar à formação intelectual e espiritual dum rapazinho de treze anos. Aí ficou até 1912, quando deveria transferir-se para o Seminário de Agnani. Mas Iginò escolhe a sua Tivoli, inscrevendo-se no liceu clássico, onde conclui o curso em 1914.

É provável que a paixão pela argumentação requintada e incisiva, bem como pela declamação intelectual das razões da fé cristã, possam ter ficado esculpidas na experiência de Giordani, desde a mais tenra idade, quando do púlpito da igreja de S. André de Tivoli, a voz do jesuíta P. Mancini “entoava, encantando o auditório”. Este sacerdote é descrito por Giordani como um homem de fé irresistível e inatacável. Era um combativo divulgador do Evangelho, tendo sido para Iginò um verdadeiro modelo. Assim, nesta sua primeira formação,

podemos já descortinar alguns traços do carácter de Giordani que o levará a afirmar-se como um polemista defensor da fé.

Pouco tempo depois de ter concluído o liceu, a Itália entra na guerra. Então Iginio toma contacto com os acontecimentos da vida pública italiana, num clima de debate e controvérsia da guerra e da paz. Afirma-se como pacifista convicto e decidido, naqueles tempos nada fáceis para aqueles que pugnavam por ideias pacifistas. É provável que, tanto a figura carismática do P. Mancini, como a forte experiência de fé amadurecida no seminário, bem como a conceção da pluralidade política e ideológica absorvida no liceu, tenham ajudado Giordani – que de resto naqueles anos passou por um período de tepidez religiosa – a nunca perder a dimensão do amor pelo próximo, o que o levou a excluir qualquer forma de comportamento violento para com qualquer ser humano. Di-lo-á com simplicidade luminosa, alguns anos mais tarde, ao exprimir a sua aversão pela guerra vivida naqueles anos:

“Quando, durante a primeira guerra mundial, fazia sentinela de noite na trincheira, torturava-me sempre o pensamento do mandamento divino: “quinto: não matarás”. Uma formação para a paz que amadurecera na sua Tivoli.

Num texto escrito muitos anos mais tarde, impregnado pela experiência devastadora da guerra, mas também pela fé e esperança nascidas do encontro com a espiritualidade da unidade, Giordani escreve: “O desprezo pelo homem e a sua depreciação derivam do facto de que se deixou de ver Cristo nele; e assim o amor foi substituído pelo ódio, que é a espiritualidade do príncipe da morte. E não há protesto, nem armas que valham, como demonstra a história escrita nas nossas carnes. Contra o ódio só vale a caridade; contra o desprezo pela pessoa o que serve é vê-la como um outro Cristo; contra a eliminação, a deportação, o genocídio, só o amor vale,

porque se ama o irmão como a si mesmo, até à unidade, de modo a fazer-se um com todos, seja qual for o seu nome”».

Alberto Lo Presti, Cf. Igino Giordani, A Divina Aventura, Città Nuova, Roma, 1993, p. 141.

Movimento dos Focolares O pacto de unidade

No seguinte texto, publicado integralmente na revista Nuova Umanità XXXIV (2012/6) 204, Chiara Lubich narra o “pacto de unidade” firmado com Igino Giordani (que ela chamava de Foco) no dia 16 de julho de 1949, prelúdio da experiência espiritual e mística daquele verão.

« [...] Vivíamos estas experiências quando Foco veio nos visitar ali nas montanhas.

Foco, enamorado de Santa Catarina, estava sempre à procura de uma virgem que pudesse seguir. E agora julgava tê-la encontrado entre nós. Por isso um dia me fez uma proposta: fazer-me o voto de obediência, pensando que, fazendo assim, teria obedecido a Deus. Acrescentou ainda que era um modo de nos santificarmos como São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal.

Nesse momento eu não compreendi nem o porquê da obediência nem essa unidade “a dois”. Ainda não existia a Obra e não se falava de votos. Além do mais, eu não partilhava a ideia de uma unidade “a dois”, porque me sentia chamada a viver o “que todos sejam um”.

Ao mesmo tempo, porém, parecia-me que Foco estava sob a ação de uma graça, que não devia perder-se.

Então lhe disse mais ou menos assim: “É muito provável que aquilo que você sente venha de Deus; por isso temos que tomá-lo em consideração. Porém, não me convence uma unidade ‘a dois’, porque todas as pessoas devem ser um”.

E acrescentei: “Você conhece a minha vida: eu sou nada. Quero viver, de fato, como Jesus Abandonado que se anulou completamente. Você também é nada, porque vive como eu.

Pois bem, amanhã iremos à igreja e a Jesus Eucaristia, que entrará no meu coração como num cálice vazio, eu direi: ‘Sobre o meu nada faça você um pacto de unidade com Jesus Eucaristia que entra no coração de Foco. E faça, Jesus, com que se estabeleça aquele vínculo entre nós que você sabe’”. Depois acrescentei: “E você, Foco, faça o mesmo”. [...]

Centro Chiara Lubich

16 de julho de 1949

O início do período de maiores iluminações [de Chiara Lubich] pode ser datado em 16 de julho, com efeito, chegou a Tonadico (nas montanhas da região do Trentino, no norte da Itália, ndr) Iginio Giordani. Hospedou-se no Hotel Orsinger e devia fazer uma conferência no auditório dos Capuchinhos. Giordani «enamorado por Santa Catarina, desde sempre havia procurado uma virgem para poder seguir. Certo de tê-la encontrado em Chiara, propôs a ela fazer-lhe um voto de obediência, pensando em assim obedecer a Deus. Acrescentou que poderiam tornar-se santos, os dois, como Francisco de Sales e Joana de Chantal.

Chiara não entendia: o Movimento não existia, não se falava de votos; e não só, ela sentia que tinha nascido para o «que todos sejam um». Queria deixar de lado este desejo, mas teve a impressão que aquelas palavras tivessem origem em uma graça que não deveria ser perdida. Disse então a Giordani: «Tu conheces a minha vida: eu sou nada. Quero viver como Jesus Abandonado que anulou-se completamente. Tu também és nada porque vives da mesma maneira. Pois bem, amanhã iremos à igreja, e direi a Jesus Eucaristia que entrará no meu

coração, como em um cálice vazio: “sobre o meu nada pactua, tu, a unidade, com Jesus Eucaristia no coração de Foco. E faz com que, Jesus, nasça entre nós aquele liame de unidade que tu queres”. E tu, Foco, faz a mesma coisa».

E assim fizeram. Giordani dirigiu-se à sala aonde devia falar, enquanto Chiara sentiu-se impulsionada a entrar novamente na igreja. Diante do tabernáculo desejava rezar a Jesus, mas, naquele instante, sentiu que não podia fazê-lo, sentiu-se completamente identificada com o Filho. Sentiu que dos seus lábios fosse pronunciado: «Pai». Compreendeu que a sua vida religiosa teria sido diferente da que vivera até aquele momento: não dirigida a Jesus, mas, ao lado Dele, Irmão, dirigida ao Pai.

Armando Torno, “PortarTi il mondo fra le braccia. Vita di Chiara Lubich”, Città Nuova, Roma, 2011. Cit. pp. 45-46.

Giordani: o encontro que me fez um homem novo

Encontramos esta anotação no diário pessoal de Giordani: “17 de setembro de 1948. Hoje de manhã, no Montecitório fui chamado por anjos: um capuchinho, um frade menor, um conventual, um terciário e uma terciária franciscana, Silvia Lubich, a qual está iniciando uma comunidade em Trento. Ela falou como uma santa inspirada pelo Espírito Santo”.

Ele mesmo conta o que aconteceu.

«Um dia fui solicitado a escutar uma apóstola – como diziam – da unidade. Foi em setembro de 1948. Exibi a cortesia do deputado a possíveis eleitores quando vieram ao Montecitório alguns religiosos, representantes das várias famílias franciscanas e uma jovem e um jovem leigo. Ver unidos e concordes um conventual, um frade menor, um capuchinho e

um terciário e uma terciária de São Francisco já me pareceu um milagre da unidade: e disse isso.

A jovem falou. Eu tinha certeza de que ouviria uma propagandista sentimental de alguma utopia assistencial. E, ao invés, já nas primeiras palavras percebi algo novo. Quando, após meia hora, ela terminou de falar, eu estava preso numa atmosfera encantada: desejava que aquela voz continuasse. Era a voz que, sem que eu percebesse, eu esperava. Ela colocava a santidade ao alcance de todos; removia os portões que separam o mundo laical da vida mística. Tornava público os tesouros de um castelo no qual somente poucos eram admitidos. Aproximava Deus: fazia com que o sentíssemos Pai, irmão, amigo, presente na humanidade.

Quis aprofundar a coisa: e pondo-me ao corrente da vida do Focolare da unidade – como se chamava – reconheci naquela experiência a atuação do desejo angustiante de São João Crisóstomo: que os leigos vivessem como os monges, com exceção do celibato. Eu tinha cultivado muito esse desejo dentro de mim.

Aconteceu que a ideia de Deus cedeu lugar ao amor de Deus, a imagem ideal ao Deus vivo. Em Chiara encontrei não alguém que falava de Deus, mas alguém que falava com Deus: filha que, no amor, conversava com o Pai.

Examinando o fato criticamente, via que não tinha descoberto nada de novo. No sistema de vida que estava se abrindo na minha alma eu reencontrava os nomes, as figuras, as doutrinas que tinha amado. Todos os meus estudos, os meus ideais, as próprias vicissitudes da minha vida me pareciam dirigidos para esta meta. Nada de novo e, no entanto, tudo novo: os elementos da minha formação cultural e espiritual vinham se posicionar segundo o desígnio de Deus. Colocavam-se no seu justo lugar.

Tudo velho e tudo novo. Tinha sido encontrada a chave do mistério, ou seja, tinha-se dado passo ao amor, demasiadas vezes entrincheirado: e ele irrompia e, como fogo, dilatando-se, crescia até se tornar incêndio.

Renascia uma santidade coletivizada, socializada (para usar dois vocábulos que mais tarde serão popularizados pelo Concílio Vaticano II); arrancada do individualismo que habituava cada um a se santificar por si, cultivando meticulosamente, com análises sem fim, a própria alma, antes que perdê-la. Uma piedade, uma vida interior, que saía dos redutos das casas religiosas, de um certo exclusivismo de classes privilegiadas, se dilatava nas praças, nas oficinas e nos escritórios, nas casas e nos campos, assim como nos conventos, pois por toda a parte, encontrando homens, se encontravam candidatos à perfeição.

E para viver esta nova vida, para nascer em Deus, eu não devia renunciar às minhas doutrinas: devia apenas colocá-las na chama da caridade, para que se vivificassem. Através do irmão, comecei a viver Deus. A existência se tornou toda uma aventura, conscientemente vivida em união com o Criador, que é a vida. Maria resplandeceu com uma beleza nova; os santos entraram a fazer parte dos familiares; o paraíso se tornou casa comum. Esta a descoberta, esta a experiência. Ela me fez um homem novo».

Igino Giordani: a perfeição no amor (de Chiara Lubich)

«Não se pode dizer com palavras quem foi Igino Giordani para o Mo-vimento dos Focolares. Basta pensar que ele é um co-fundador do Movimento. Ser fundador ou também cofundador de uma Obra reconhecida pela Igreja, comporta uma ação tão múltipla e complexa da graça de Deus, impulsos tão vários e válidos do Espírito Santo, comportamentos, por

parte do sujeito, muito decisivos para a Obra e, na maioria das vezes, imprevisíveis porque sugeridos pelo Todo-poderoso, pedido de sofrimentos muitas vezes penetrantes e pro-longados no tempo, dádivas de graças de luz e de amor, não ordinárias, que é melhor confiar à história da Igreja e dos Movimentos espirituais que a embelezam de século em século, a revelação desta figura.

Pode-se dizer alguma coisa, embora não seja fácil, de Igi-no Giordani como focolarino.

Um focolarino faz de tudo, reza, trabalha, sofre, para chegar a este objetivo: ser perfeito no amor. Penso que devemos realmente firmar que Giordani alcançou esta meta. Na nossa opinião, ele foi perfeito no amor.

Portanto, personificou o nome de batalha com o qual era chamado no Movimento: Foco, fogo, isto é, aquele- amor para com Deus e o próximo, sobrenatural e natural, que é a base e o vértice da vida cristã, contribuindo de maneira única para manter viva entre todos nós a realidade da “palavra de vida” que lhe tinha sido indicada no seu ingresso no Movimento: “Amai-vos uns aos outros como eu vos ame!”.

Quem conheceu Igi-no Giordani profundamente, concorda em constatar e em afirmar que ele viveu as bem-aventuranças.

“Puro de coração” de maneira excepcional, abriu a pessoas casadas de ambos os sexos, de várias partes do mundo, a possibilidade de uma original consagração a Deus, embora no estado matrimonial, mediante uma virgindade espiritual, efeito da caridade mais ardente.

Esta pureza de coração refinou e potencializou os seus sentimentos mais sagrados. Tinha um deleitável amor pela sua esposa. E no fim da sua vida comovia e impressionava a intensidade de afeto para com os seus quatro filhos, assim

como pelos seus netos. Era um pai perfeito, um avô perfeito e um homem todo de Deus.

Foi “pobre de espírito” com um desapego completo não só de tudo o que possuía, mas sobretudo de tudo que era.

Era cheio de misericórdia. Perto dele o pecador mais miserável sentia-se perdoado e o mais pobre sentia-se um rei.

Uma das características mais marcantes, como também documenta a sua história de homem político, era aquela de “operador de paz”.

E chegou a possuir esta mansidão a tal ponto de fazer entender porque o Evangelho diz que quem tem esta virtude possui a terra: com a mais nobre gentileza, com o seu modo de tratar, com as suas palavras, ele conquistava a todos que dele se aproximavam. Qualquer pessoa sentia-se à vontade, considerado com dignidade, também os jovens conseguiam estabelecer com ele um relacionamento de igual para igual. E constata-se, principalmente nos últimos anos, que irradiava, ao falar, algo de sobrenatural.

“Tinha fome e sede de justiça” pela qual lutou toda a vida. E sofreu perseguições pelo nome de Deus, por isso hoje acreditamos que esteja na posse do Seu Reino.

Mas muitas outras palavras do Evangelho recordam a pessoa dele.

Foco fazia compreender o que significa a conversão que Jesus pede, pela qual é preciso ser como crianças. Cristão de alto calibre, inteligente, apologeta, apóstolo, quando teve a impressão de ter encontrado uma fonte de água genuína, que jorrava da Igreja, soube “vender tudo” para seguir Jesus que o chamava a saciar a sede com aquela água.

Tendo sofrido muito pela marginalização espiritual dirigida aos leigos no seu tempo, ambicionava com o seu grande coração derrubar os muros que dividiam as pessoas que

viviam no estado de perfeição e as outras – acrescentava brincando – que viviam “no estado de imperfeição”. Em prática, era muito sensível aos sinais dos tempos. Pode-se dizer que ele próprio era um sinal dos tempos, destes tempos em que o Espírito Santo chama todo o povo de Deus à santidade.

Quando Iginio Giordani encontrou o Movimento, este era formado somente de pessoas virgens. Foi ele que o abriu aos quem são casados, que na sua sequela advertiram a fome de santidade e de consagração, concretizando aquele projeto, antes apenas entrevisto, de uma convivência de virgens e casados, de acordo com a especificidade da própria vocação, à imagem da família de Nazaré. Giordani foi uma das maiores dádivas que o céu deu ao Movimento dos Focolares».

(extraído de: Chiara Lubich, Iginio Giordani focolarino, «Città Nuova» n. 9-10 maio 1980)

Giordani: heróis pacíficos

«As guerras nascem na mente dos homens e é na mente dos homens que devem ser erguidos os alicerces para a paz». Propomos, dos escritos de Iginio Giordani (protagonista de duas guerras), alguns pensamentos sobre a paz:

As feridas sociais se chamam guerras, dissídios; e dilaceram o tecido social com chagas que às vezes parecem não cicatrizáveis.

A alma antiga, nas horas melhores, suspirava pela paz. “Se vis pacem, para bellum” [se queres a paz, prepara a guerra], diziam os romanos; mas no espírito evangélico é verdadeira paz não aquela conseguida pela guerra, mas aquela germinada por uma disposição pacífica, por uma concórdia de ânimos. Não se faz um mal para ter um bem. “Se queres a paz, prepara a paz”.

Também aqui se renova, construindo para a paz, por plataforma, não as armas, feitas para matar, mas a caridade,

feita para vivificar. A caridade, se movendo, gera fraternidade, igualdade, unidade, e elimina invejas, soberbas e discórdias, se importando em recolher os homens numa família de uma só mente. A vida humana é sagrada. Não mata! Não te vingues! Ama o inimigo. Nada de talião...

A humanidade que seguiu Cristo entendeu no Evangelho a mensagem angélica cantada na noite do seu nascimento: “Paz na terra”. Basta que haja alguém que ame a paz. Condição primeira das relações. Jesus opunha a generais e heróis ensanguentados os heróis pacíficos, vitoriosos sobre si mesmos, suscitadores de paz consigo, com os cidadãos, com os forasteiros; criava um heroísmo novo e mais árduo; o de evitar a guerra sob todas as suas formas, quebrando continuamente a sua dialética com o perdão e a remissão.

Esta paz é fruto de caridade, aquela pela qual nos é imposto que amemos inclusive os inimigos, inclusive os caluniadores: ela impede as rupturas, ou as remedia. Em regime de amor, a discórdia é um absurdo, um renegamento; e quem o provoca, sem dúvida se coloca fora do espírito de Cristo, e permanece fora enquanto não restaura a concórdia».

Igino Giordani, Il messaggio sociale del cristianesimo, Editrice Città Nuova, Roma (1935) 1966 pp. 360-368

Igino Giordani: do Parlamento Italiano para o mundo

Do Montecitório para o mundo: este percurso de Igino Giordani teve início no fim dos anos 40, quando Igino chegou a um ponto da vida um pouco problemático. Era reconhecido como um grande intelectual cristão, um brilhante estudioso dos Padres da Igreja, um escritor apologista e coerente, mas ele tem a impressão de viver um certo “tédio da alma”. Foi o encontro com Chiara Lubich, a fundadora do Movimento dos Focolares que acordou a sua fé e a sua caridade.

O encontro entre os dois foi algo extraordinário e o confirmam as circunstâncias especiais em que acontece: Iginio Giordani era um homem casado, tinha 54 anos, 4 filhos já adultos.

Chiara era uma jovem que tinha pelo menos a metade da sua idade e pediu uma audiência por uma necessidade concreta: encontrar um apartamento em Roma.

Giordani, já membro da Assembleia constituinte, também era deputado da Democracia cristã, daqueles “históricos”, porque tinha sido entre os primeiros – já nos anos 20 – a trabalhar pelo novo Partido Popular, o partido de inspiração cristã fundado pelo sacerdote Luigi Sturzo.

Chiara era uma jovem leiga, e o encontro aconteceu bem antes do Concílio Vaticano II, quando normalmente não era frequente que fosse atribuído às moças leigas qualquer encargo na Igreja.

Mesmo assim, apesar destas enormes diferenças, o encontro com Chiara transformou Giordani, e a partir daquele momento ele levou o Ideal da Unidade para a política. O seu anúncio chegou a um parlamento onde o contraste ideológico era muito forte. No dia 16 de março de 1949 estava em jogo o Pacto Atlântico.

«Precisamente quando conhecia Chiara há poucos meses, – são palavras de Giordani – havia uma discussão sobre o Pacto Atlântico, havia a formação de dois blocos: um da América, dos Estados Unidos, outro da Rússia; preparavam-se as preliminares para dar início a uma nova guerra, um massacre, a guerra definitiva. E um dia havia na Câmara a discussão mais áspera; lembro-me: estávamos tão furiosos aquela tarde na Câmara, que eu temia que alguém empunhasse uma arma e disparasse, tal era o ódio que havia entre os dois grupos.

Eu tinha pedido para falar e precisamente antes que eu falasse veio sentar-se perto de mim um deputado cristão, católico: Pacati, o deputado Pacati. Disse-me: 'Vamos ter a presença de Jesus entre nós agora que vais falar'. E eu tomei a palavra. No início havia confusão, gritaria, etc.; pouco a pouco todos silenciaram, no fim a Câmara parecia que se tinha tornado uma igreja, havia um silêncio perfeito e eu exprimia as ideias que nós aprendemos no nosso Movimento, isto é, que a guerra não serve para nada, a guerra é a maior estupidez, a guerra serve para a morte; nós não queremos a morte, nós queremos a vida e a vida existe no amor, na busca do acordo. (...)

Todos nós devemos reagir, de qualquer parte do país, de qualquer crença ou partido sejamos, porque se trata verdadeiramente, sob tantas lágrimas, sob as brutalidades acumuladas pela guerra e pela lama, trata-se verdadeiramente de redescobrir o rosto do homem, no qual reflete-se o rosto de Deus».

O estenógrafo parlamentar concluiu o seu relatório do debate descrevendo os aplausos e as congratulações que, de todos os lados do semicírculo, chegaram até o lugar de Giordani.

Em pouco tempo, ao redor de Iginò reuniram-se numerosos parlamentares desejosos de seguirem o ideal da unidade. Relembramos apenas alguns nomes: Gaetano Ambrico, Palmiro Foresi, Tarcisio Pacati, Enrico Roselli, Angelo Salizzoni e Tommaso Sorgi, que se tornou o principal biógrafo de Giordani. Com eles, Giordani fez coisas em contraposição em relação ao clima da época. Por exemplo, em 1951 trabalha no «Acordo interparlamentar pela defesa da paz», junto com outros 40 parlamentares provenientes do partido liberal, do republicano, do social democrático e do demo cristão.

Sempre posicionado “contra a correnteza”, em pleno clima de guerra fria, o seu pacifismo leva-o em 1949 a promover com um parlamentar socialista, Calosso, a primeira lei sobre a objeção de consciência. Pode-se imaginar as dificuldades que Giordani encontrou quando, como relator, apresentou a proposta à Câmara! Mas as suas convicções eram “de ferro”: matar o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, significa cometer deicídio.

«Nasce uma nova consciência cívica, – escreve Giordani – que abate as divisões de partidos ou facções ou correntes e de privilégios de casta, de raça, de classe, e, dilatando-se, supera os confins estatais. O impulso comunitário suscitado pelo amor cristão e impulsionado até ao ponto de se inserir Jesus é um despertar religioso e social, que, se, como nós acreditamos, consegue mudar a história da humanidade».

É claro que, hoje, proclamar os ideais de amor e de comunhão na política parece ainda mais imprudente... mas era imprudente (e talvez ainda mais) também na época Giordani. Sim, Giordani vivia na profecia; e embora vivendo com profundo empenho os desafios do seu tempo, não era se deixava aprisionar.

A sua profecia tinha a força de um Ideal imenso, o ideal da unidade, sustentado por uma espiritualidade moderna e convincente, que Chiara Lubich doou ao mundo, e que Iginio Giordani viveu também na política.

Alberto Lo Presti (Diretor do Centro Iginio Giordani)

Uma santidade “socializante”

“O que me pareceu, nas hagiografias, o resultado de fatigante ascese – reservado a raros candidatos – tornava-se herança comum, e compreendia-se como Jesus poderia ter

convidado todos os seus seguidores a tornarem-se perfeitos à semelhança do Pai: perfeitos como Deus!

Tudo antigo e tudo novo!

Era um novo procedimento, um novo espírito. A chave do mistério fora encontrada, ou seja, dava-se lugar ao amor, muitas vezes entrincheirado, e este se prorrompia e, à semelhança de chamas, espalhando-se, aumentava até tornar-se incêndio.

Aquela ascensão a Deus, considerada inatingível, foi facilitada e aberta a todos, tendo sido reencontrado o caminho de casa para todos, com o sentido da fraternidade. Aquela ascese que parecia terrificante (cilícios, correntes, noite escura, renúncia), tornou-se fácil porque é vivida em companhia, com a ajuda dos irmãos, com o amor a Cristo.

Renascia uma santidade coletivizada, socializante (para usar dois vocábulos que mais tarde seriam popularizados pelo Concílio Vaticano II); extraída do individualismo que criara o hábito de cada um santificar-se por si, cultivando meticulosamente, com análises sem fim, a própria alma, ao invés de perdê-la. A piedade, a vida interior, que saía do espaço restrito de casas religiosas, de certo exclusivismo de classes privilegiadas – isoladas, algumas vezes a ponto de estar fora, se não contra a sociedade, que, em si, é grande parte da Igreja viva – se dilatava nas praças, nas fábricas e nos escritórios, nas casas e nos arredores das cidades, bem como nos conventos e nos círculos da Ação católica, uma vez que, em todos os lugares, encontrando pessoas, encontravam-se candidatos à perfeição.

Em poucas palavras, a ascese tornara-se uma aventura universal do amor divino e o amor gera luz.”

“A vida é uma ocasião única a ser desfrutada. A ser desfrutada na terra para prolongá-la na eternidade. Para fazer da terra uma antecipação do céu, inserindo-a na vida de Deus

aqui, bem como na eternidade. Não deformá-la com a tortura das ambições e avarezas, não torná-la horrenda com rancores e hostilidades, mas, divinizá-la – ampliá-la no seio do Eterno – com o Amor. E onde existe o amor, Deus está presente. E cada momento é aproveitado por amor, ou seja, doar Deus, e isto significa atrair Deus para si e para os outros.

E nesta vivência está a liberdade dos filhos de Deus, pela qual o espírito não é imobilizado por julgamentos. Divisões, oposições são obstáculos ao espírito de Deus.

Quem vive desta forma não pensa em santificar-se, pensa em santificar. De si mesmo se esquece, se desinteressa. Santifica-se santificando, ama-se amando, serve-se servindo.

Por essa atitude o próprio ato de santificar-se contém uma orientação social: este contínuo doar e doar-se faz da elevação das almas, um efeito comunitário.

“Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” [Mt 5,48], comandou Jesus e nós nos tornamos perfeitos na vontade do Pai, unindo-nos, para unirmo-nos a Ele, por meio de Cristo.”

Encontrar o sentimento de profunda fraternidade : o compromisso ecumênico de Giordani

Movimento dos Focolares Encontrar o sentimento de profunda fraternidade Na vida de Giordani encontramos um acontecimento que nos estimula a uma especial reflexão: a primeira pessoa a escrever a sua biografia, em 1985, não foi um católico, mas sim um Pastor batista, o escocês Edwin Robertson.[1] Não podemos limitar-nos a dizer que é uma “ironia da história” [...]. Giordani mereceu este ato de amizade, perante o Céu e perante a história humana.

No outono de 1967, ele presidiu a um congresso de ecumenistas, na sede do Movimento, em Rocca di Papa. Estava

presente o arquiandrita Mons. Eleutério Fortino, o qual, anos depois, deu este testemunho: «Naquele congresso, Giordani, com a sua serenidade interior, conseguiu serenar o tom aceso do debate e clarificou os aspetos teológicos e pastorais do decreto do Vaticano II “Unitatis redintegratio” (1964), fazendo cair as últimas resistências dos opositores italianos à oração em comum entre todos os cristãos, na Semana pela Unidade das Igrejas».[2]

Por sua iniciativa, Giordani seguia, já desde 1940, esta Semana que, para sermos precisos, é um Oitavário: de 18 de janeiro (festa da cátedra de S. Pedro, em Roma) a 25 de janeiro (festa da conversão de S. Paulo). O próprio Giordani escreve em 1940: «Durante os preparativos desta oitava, espalhou-se a notícia, inicialmente ainda imprecisa, de que num mosteiro de monjas trapistas dos arredores de Roma, se rezava com uma especial intensidade, pela cessação das divisões entre cristãos. Vim a saber que, naquela Trapa, uma humilde monja se oferecera como vítima pela unidade das Igrejas e que a sua imolação tinha impressionado profundamente uma comunidade de irmãos separados na Inglaterra. A notícia, ainda que muito vaga, alargava imensamente – pelo menos aos meus olhos – o horizonte do movimento unitário, abrindo perspectivas novas onde, como um rasto de azul brilhando no meio duma tempestade, um pedaço de céu se abria sobre a humanidade em conflito. Esta notícia colocava na sua verdadeira luz a Oitava e os seus fins.

Ora, estas monjas provavelmente nada sabiam nem dos debates, nem das comissões e grupos de trabalho criados sobre este tema. Postas perante o problema da separação, elas olharam para ele com simplicidade, à luz da sua Regra que nunca desencaminha. Elas tinham compreendido que a unidade devia ser procurada onde estava, isto é, na sua fonte,

na sua matriz. Noutros termos, a unidade devia ser pedida ao Pai, no qual e só no qual os irmãos se unificam. Isto quer dizer que estas humildes criaturas, que não encontraremos em qualquer congresso, viram imediatamente o que era preciso fazer e colocaram o movimento pela unidade no seu verdadeiro caminho.

Alguém pode ser tentado a procurá-la em Hegel, em Loisy ou até em Marx. E quer nos jornais, quer nos encontros falou-se de homens que não deram, nem podiam dar, senão soluções incompletas: a unidade não é obra de homens, mas de Deus; não é fruto de estudo, mas da graça. Aceita, ó Pai, estas ofertas puras, antes de mais pela tua Igreja, para que te dignes purificá-la, protegê-la e unificá-la...».[3]

O ecumenismo, que Chiara sempre viu como um «ecumenismo da vida», que é vivido pelo Movimento dos Focolares nas suas próprias experiências, e que amadureceu à luz de almas grandes, como as de João XXIII e Paulo VI, bem como à luz do espírito do Vaticano II, torna-se o empenho central de Giordani, nos últimos anos da sua vida. Pode-se dizer que para ele todos os cristãos são já verdadeiramente irmãos que se reencontram. Ele vive e difunde o novo espírito ecuménico, feito essencialmente de amor e orientado para a comunhão das almas, na certeza de que «da unidade dos corações decorre a das almas».[4]

É comovente pensar que o último artigo sobre o ecumenismo, A viagem para a Unidade, ele o escreveu em dezembro de 1979, quatro meses antes da sua partida para o Céu. Uma vez mais, nele cultivava tenazmente uma visão profética em que põe a unidade dos cristãos como base e fermento para «imprimir um impulso ao ideal da unidade universal entre os povos».[5]

(Extraído de: Tommaso Sorgi, O percurso ecuménico de Iginio Giordani, «Nuova Umanità» n.199).

[1] E. Robertson, Iginio Giordani, Città Nuova, Roma 1985. Ed. inglesa com o título: The Fire of love. A life of Iginio Giordani 'Foco', New City, London 1989.

[2] E. Fortino, Iginio Giordani e a oração pela unidade dos cristãos, in «Besa-Fede», Revista greco-albanese, Roma, fevereiro de 2004, pp. 7-9.

[3] I. Giordani, Esta oitava, Apresentação em: M. G. Dore, Suor Maria Gabriella (1914-1939), Morcelliana, Brescia 1940, pp. 9-25.

[4] I. Giordani, Sete dias pela unidade, «Città Nuova», 1978, n. 23, p.30.

[5] I. Giordani, A viagem para a unidade, «Città Nuova», 1979, n. 23, p.27.

A herança de Iginio Giordani

Em 1948, quando Giordani conheceu o Movimento dos Focolares, ele era deputado do novo Estado italiano, após uma vida já amadurecida por batalhas, conduzidas com igual vigor, pela fé e por uma visão religiosa da vida pública.

A sua atuação, neste último campo, lhe havia legado um preço: a marginalização profissional. A sua leitura do Evangelho evitava os dois extremos: o do intimismo desencarnado e o que tendia a reduzi-lo apenas a messianismo terrestre. Tomada na sua integridade humano-divina, a mensagem evangélica é a semente da revolução (“a” revolução) que abalou a história e continua hoje a sua obra pela mais profunda liberdade do homem.

O seu conceito de fundo, leit motiv de numerosos livros seus, era a conexão entre divino e humano, necessária ao interesse do homem; da aceitação de Cristo na vida dos povos

têm origem a liberdade e a dignidade do homem. Liberdade, igualdade, solidariedade, uso social da riqueza, dignidade do trabalho, harmonia entre Estado e Igreja, animação moral da vida pública e da atividade econômica, antimilitarismo e pacifismo no plano internacional: eram os pontos essenciais do seu pensamento. Estas eram as suas posições quando aconteceu o encontro que devia imprimir na sua vida – decididamente já voltada para Deus – um ímpeto vertical.

Havia registrado, nas páginas do seu diário, a angústia pelas incoerências entre a própria fé privada e a vida pública, pela fragilidade de uma «ascese» pessoal tornada ineficaz por «insucessos na política, literatura, na vida social». Havia anotado a aflição de sentir-se impotente para responder ao próprio desejo de «difundir a santidade a partir de uma pobre página de jornal» (naquela data era o diretor do quotidiano “Il Popolo”), de «difundir a santidade a partir de um corredor de passos perdidos» (o saguão de Montecitório). «Quem fará este milagre?», se havia perguntado em agosto de 1946.

A resposta a tais angústias, e a este questionamento, se havia dado a conhecer naquele encontro com Chiara Lubich, quase um “chamado” providencial. Ela lhe havia proporcionado relançar o seu, já vivo, cristianismo em uma profundidade, por um lado, ainda mais divina, e por outro, ainda mais social. Aquele encontro foi para ele o impacto com um carisma. Diante do seu espírito, nutrido por um conhecimento profundo das espiritualidades na história da Igreja, aquele carisma mostrou-se imediatamente em suas vastas proporções e implicações teológicas e históricas. A espiritualidade da unidade pareceu-lhe uma enorme energia, utilizável além de que na Igreja, também na comunidade civil para «transformar a convivência humana em co-cidadania com os santos, para injetar a graça na política: fazer dela um instrumento de santidade».

Amadureceu assim uma das contribuições fundamentais que Giordani devia dar ao desenvolvimento do Movimento os Focolares: ajudar o pequeno grupo inicial a tomar consciência da eficácia, inclusive humana, do carisma que estava se manifestando.

Agora, que a árvore do Movimento dos Focolares floresceu em todos os continentes, permanece nela, como linfa vital, além da vida de Giordani, a sua visão de cristianismo social, pelo qual ele trabalhou e batalhou uma vida inteira, erguendo-se com a estatura de um profeta bíblico contra qualquer ruptura entre fé e obras e contra todo «liberticídio» que deriva dela.

E ao Movimento dos Focolares resta um patrimônio precioso a ser aprofundado, doado pelo seu pensamento e pelo seu método. Penso que seja válido, para todo o mundo cristão, o caminho indicado por ele, na sua penetrante atenção às experiências históricas do cristianismo e na sua equilibrada leitura evangélica, distante de ingenuidades fideístas e de integralismos, aberta à busca de uma «colaboração racional» entre as duas cidades: a de Deus e a do homem.

Retirado de: Tommaso Sorgi, L'eredità che ci ha lasciato, Città Nuova n.9 – 10, maggio 1980

Idade de maturação

Anos de incerteza. A aprovação da Santa Sé.

De modo quase imperceptível, no final dos anos quarenta foram superadas as fronteiras da região trentina, com convites a Milão, Roma, Florença e Sicília. E silenciosamente floresceram comunidades cristãs como a que surgira em Trento. Mas exatamente naqueles anos de irradiação fervorosa, a Igreja começou a estudar o movimento com interesse. Foi um longo período de estudo e de aprofundamentos, de incertezas e dúvidas. Os anos cinquenta e o início da década seguinte foram vividos na incerteza de uma aprovação que parecia jamais chegar.

A espiritualidade nascente, que encontrava suas raízes nas Escrituras, salientava palavras pouco ouvidas no período pré-conciliar, como “unidade”, “Jesus em meio” à comunidade, “Jesus abandonado”, etc. Além do mais eram jovens leigas que procuravam viver as palavras do Evangelho, e não só lê-las e comentá-las, o que parecia “protestante”. E a prática da comunhão de bens, em função da ajuda concreta aos pobres, parecia “comunismo”. E ao invés, para elas tratava-se de viver como os primeiros cristãos, e que encontravam uma afinidade particular com os séculos da Igreja indivisa.

Assim, nos anos quarenta e cinquenta, sem o saber, o Movimento dos Focolares, tecia um fio invisível com as maiores correntes que atravessavam o mundo cristão, que seriam assumidas no Concílio Vaticano II. A atenção aos Evangelhos encontrava-se em perfeita harmonia com o movimento bíblico; o desejo de viver pela unidade ligava os focolarinos ao movimento ecumênico (desde 1960). Depois, quando a

conjuntura religiosa e social exigirá o diálogo com as pessoas sem uma referência religiosa, eles já estavam prontos para isso.

E ainda, ter nascido de uma leiga para leigos os fazia sentirem-se em plena sintonia com a emersão do laicato na Igreja.

Este novo ardor pela unidade será reconhecido e acolhido plenamente no seio da Igreja católica que, no ano de 1962, às vésperas do Concílio, aprovou a Obra de Maria ou Movimento dos Focolares, em seu núcleo central.

O Papa João XXIII também reconheceu o Movimento sob o nome de "Obra de Maria", escolhida pela própria Chiara Lubich. Seguindo os desenvolvimentos do Movimento e a modificação dos Estatutos Gerais, haverá novas investigações por parte da Santa Sé e novos reconhecimentos.

A aprovação final dos Estatutos ocorrerá em junho de 1990. O decreto de aprovação do Pontifício Conselho para os Leigos diz: "O Movimento se desenvolveu na fidelidade ao seu carisma e se expandiu, crescendo em maturidade. Assim, ela trouxe abundantes frutos espirituais à Igreja e um testemunho credível de unidade ao mundo. Todos podem aderir ao Movimento dos Focolares. De fato, são membros do Movimento dos Focolares cristãos de várias Igrejas, fiéis de várias religiões e pessoas que não se referem a nenhuma crença religiosa.

Portas abertas

Para as pessoas que aderem ao Movimento dos Focolares o diálogo não é algo que possa permanecer opcional. É suficiente percorrer as etapas de seu desenvolvimento (ver a cronologia), para intuir como o movimento não nasceu numa

prancheta, mas por uma inspiração carismática que o Espírito desejou conceder a uma jovem mulher de Trento. Desde os primeiros anos, os numerosos episódios vividos por Chiara Lubich e suas primeiras companheiras, indicavam um caminho de total acolhida do outro, quem quer que ele fosse. E a acolhida é o primeiro degrau para o diálogo.

Observando a difusão do Movimento pelo mundo, vê-se com clareza como o rápido crescimento do espírito da unidade não pode tanto ser atribuído apenas à eficácia de palavras ditas pessoalmente, num microfone ou numa rádio, para abrir novas fronteiras, quanto ao amor vivido segundo a arte de amar que Chiara sempre propôs como único “método” de difusão, o “fazer-se um”. Trata-se de um neologismo trasladado de São Paulo («fiz-me tudo a todos») que no movimento foi sempre a exclusiva “metodologia” de ampliação, o principal caminho de evangelização.

Ao constatar a grandeza da difusão do movimento, enfim, sem dúvida pode-se entender como a espiritualidade da unidade tenha conquistado os corações e as almas de pessoas de toda e qualquer categoria social, pela sua irredutível abertura sobre a humanidade e as suas necessidades. Uma abertura que se exprime em primeiro lugar numa atitude de diálogo em cada campo, tempo e lugar.

No Movimento dos Focolares, portanto, o diálogo deve ser entendido no sentido mais forte, evangélico, aquele que não compromete a própria identidade em troca de algum compromisso, mas que, justamente pela identidade que adquiriu, pode aproximar-se do “diferente de si” com espírito aberto. Em suma, nem mera benevolência, nem irenismo, nem sincretismo.

No dia 24 de janeiro de 2002, em Assis (Itália), Chiara foi chamada, juntamente com Andre Riccardi, a exprimir-se em

nome da Igreja católica, diante do Papa e das máximas autoridades religiosas mundiais, e logo após a queda das Torres Gêmeas, e quis salientar como o comportamento da Igreja seja «inteiramente diálogo». Recordou então os seus quatro diálogos: no interior na própria Igreja, o ecumenismo, a relação com fieis de outras religiões, os contatos com aqueles que não possuem um credo religioso. São exatamente esses quatro diálogos aqueles que, no Vaticano II e na encíclica *Ecclesiam suam*, de Paulo VI, a Igreja católica identificou como caminho para o relacionamento com a humanidade em suas variadas fisionomias.

Chiara escreveu, em 1991: «Jesus considera como aliados e amigos seus todos os homem que lutam contra o mal e trabalham, muitas vezes se darem conta, pela atuação do Reino de Deus. Jesus nos pede um amor capaz de “fazer-se diálogo”, isto é, um amor que, longe de fechar-se orgulhosamente no próprio recinto, saiba abrir-se a todos e colaborar com todas as pessoas de boa vontade, para construir juntos a paz e a unidade do mundo. Procuremos abrir os olhos aos próximos que encontramos, para admirar o bem que fazem, qualquer que sejam as suas convicções, para sentir-nos solidários com eles e encorajar-nos mutuamente no caminho da justiça e do amor».

Reconhecimentos

A partir de 1995, os reconhecimentos a Chiara Lubich por parte de organismos internacionais, acadêmicos e civis se multiplicam. As motivações evidenciam, em especial, a contribuição à paz e à unidade entre os povos, religiões e culturas. Durante essas cerimônias públicas, de várias maneiras, Chiara Lubich aprofunda os diversos aspectos do

carisma da unidade que o Espírito Santo lhe confiou, e a ele atribui os frutos de paz e unidade que são reconhecidos como seus.

Organismos internacionais

Unesco – Prêmio Educação para a Paz 1996 (Paris, dezembro de 1996)

Conselho da Europa – Prêmio Direitos Humanos 1998 (Estrasburgo, setembro de 1998)

Chefes de Estado

Brasil – Ordem do Cruzeiro do Sul, do Presidente da República Fernando Henrique Cardoso (Roma, outubro de 1998)

República Federal Alemã – Grande Cruz ao mérito, do Presidente da República Johannes Rau (Roma, junho de 2000)

República Italiana – Cavaleiro da Grande Cruz, do Presidente da República Carlo Azeglio Ciampi (Roma, junho de 2003)

Ecumenismo

Da Igreja Anglicana – Cruz da Ordem de Santo Agostinho de Canterbury, dos primazes anglicanos Robert Runcie (Londres, 1981) e George Carey (Londres, 1996)

Da Igreja Ortodoxa – Cruz Bizantina dos patriarcas ecumênicos Dimitrios I (Istambul, 1984) e Bartolomeu I (Istambul, 1995)

Da Cidade de Augsburg (Alemanha) – Prêmio Celebração da Paz Augustana (entre luteranos e católicos) (Augsburg, 1988)

Diálogo inter-religioso

Prêmio Templeton pelo progresso da religião (Londres, abril de 1977)

Da Comunidade judaica de Roma – Uma oliveira pela Paz (Rocca di Papa, outubro de 1995)

Do Fon de Fontem, rei dos Bangwa, Lucas Njifua, nomeação como “Mafua Ndem”, Rainha enviada por Deus (Fontem, República dos Camarões, maio de 2000)

Dos Movimentos hindus de inspiração gandhista Shanti Ashram e Sarvodaya – Prêmio Defensor da Paz (Coimbatore, Índia, janeiro de 2001)

Doutorados Honoris Causa

Polônia – Ciências Sociais – Universidade Católica de Lublin (junho de 1996)

Tailândia – Comunicação Social – St. John University, Bancoc (janeiro de 1997)

Filipinas – Teologia – Pontifícia Universidade Santo Tomás, Manila (janeiro de 1997)

Taiwan – Teologia – Fu Jen University, Taipei (janeiro de 1997)

EUA – Ciências Humanas – Sacred Heart University, Fairfield (maio de 1997)

México – Filosofia – Universidade San Juan Bautista de la Salle, Cidade do México (junho de 1997)

Argentina – Interdisciplinar – das 13 faculdades da Universidade Estatal de Buenos Aires (abril de 1998)

Brasil – Humanidades e Ciências da Religião – Universidade Católica de São Paulo (abril de 1998)

Brasil – Economia – Universidade Católica de Pernambuco
(maio de 1998)

Itália – Economia – Universidade Católica de Milão – Sede de
Piacenza (janeiro de 1999)

Malta – Psicologia – Universidade de Malta (fevereiro de 1999)

EUA – Pedagogia – Universidade Católica da América,
Washington (novembro de 2000)

Eslováquia – Teologia – Universidade de Trnava (junho de 2003)

Venezuela – Artes – Universidade Católica de Maracaibo (julho
de 2003)

Itália – Vida consagrada – Instituto ‘Claretianum’ – Pontifícia
Universidade Lateranense (Roma – outubro de 2004)

Grã Bretanha – Teologia – Hope University de Liverpool (janeiro
de 2008)

Cidadanias honorárias

Palermo (Itália), janeiro de 1998

Buenos Aires (Argentina), abril de 1998

Roma (Itália), janeiro de 2000

Florença (Itália), setembro de 2000

Genova (Itália), dezembro de 2001

Turim (Itália), junho de 2002

Milão (Itália), março de 2004

La Spezia (Itália), maio de 2006

Rocca di Papa (Itália), abril de 1995

Pompéia (Itália), abril de 1996

Tagaytay (Filipinas), janeiro de 1997

Rimini (Itália), setembro de 1997

Chacabuco (Argentina), abril de 1998

Incisa in Valdarno (Itália), setembro de 2000

Rovigo (Itália), dezembro de 2000

Bra (Itália) junho de 2002

Todi (Itália) novembro de 2005

Osimo (Ancona – Itália), janeiro de 2008

Jánoshalma (Hungria), fevereiro de 2008

Outros reconhecimentos da administração pública

Região Ligúria (Itália) – Prêmio pela paz e a solidariedade, dezembro de 2001

Região Lombardia (Itália) – Prêmio Rosa Camuna, novembro de 2003

Trento (Itália)– Águia ardente de São Venceslau, janeiro de 1995

Bolonha (Itália)– Turrita de Prata, setembro de 1997

Belém (Brasil) – Brasão das Armas de Belém, dezembro de 1998

Brescia (Itália) – Grosso d’oro, outubro de 1999

Alba (Itália)- Prêmio Cidade de Alba, setembro de 2000

Castelgandolfo (Itália), Prêmio Cidade de Castelgandolfo, Cidade da Paz, abril de 2003

Santa Maria de Capua Vetere (Itália) Prêmio S. M. Capua Vetere, Cidade de Paz, junho de 2003

Frascati (Itália) Civis Tusculanus, setembro de 2004

Mollens (Suíça) – Conferimento da “Bourgeoisie d’honneur”, do presidente da Bourgeoisie de Mollens e do prefeito de Mollens, agosto de 2007

Igrejas Locais

Trento (Itália) – Medalha de ouro de São Virgílio – (janeiro de 1995)

Eslovênia – Medalha dos santos Cirilo e Metódio – (abril de 1999)

Brescia (Itália) – Prêmio da bondade Paolo VI – (setembro de 2005)

Entidades culturais

Medalha de Honra ao Mérito– Universidade de São Paulo (USP), (São Paulo, abril de 1998)

Placa de prata Cateriniana – Centro cateriniano de Sena, (Sena, setembro de 1987)

Prêmio Casentino – Centro Cultural Michelangelo – cidade de Florença, de letras e artes, (Arezzo, julho de 1987)

I Prêmio internacional Diálogo entre os povos, do Centro franciscano internacional de estudos, (Massa Carrara, Itália, outubro de 1993)

Prêmio UELCI: Autor do ano 1995 – União dos Editores e Livreiros Católicos Italianos, (Milão, março de 1995)

Prêmio civilização do amor pelo diálogo inter-religioso – Fórum Internacional Civilização do Amor, (Rieti, Itália, junho de 1996)

Prêmio internacional Telamone pela Paz 1999 – Centro de programação social, (Agrigento, Itália, novembro de 1999)

Prêmio Coração Amigo 1999 – Associação Coração Amigo, (Brescia, Itália, outubro de 1999)

Prêmio “O Trentino do ano” – Associação cultural U.C.T. Homem-Cidade -Território, (Trento, Itália, junho de 2001)

Prêmio Rotary Club, (Trento, junho de 2001)

Prêmio Stefano Borgia pelo diálogo intercultural e interreligioso – Centro Internacional de estudos borgianos, (Velletri, Itália, novembro de 2001)

Título de sócio honorário do Centro de Estudos Luigi Gedda (Roma, março de 2003)

Instituição da Cátedra Livre “Chiara Lubich” – Universidade Católica “Cecilo Acosta” (Maracaibo, Venezuela, fevereiro de 2005)

Lifetime Achievement Award – Family Theater Productions (FTP) de Hollywood (Montet, Svizzera, 16 luglio 2006)

Prêmio Thomas Moro – Universidade Católica de Paraguay
(Asuncion dezembro de 2006)

Edificando a Obra de Maria

A aventura da unidade nasceu de um carisma do Espírito, na pessoa de Chiara Lubich. Ao menos cinco papas o testemunharam, assim como inúmeras personalidades da inteira cristandade. Uma “dádiva” que logo, diríamos quase imediatamente, mostrou-se eminentemente comunitária, coletiva. A jovem professora de Trento conheceu Natalia Dallapiccola em julho de 1943 – antes ainda da sua consagração a Deus –, a sua primeira companheira no focolare da Praça dos Capuchinhos, e foi a ela que disse: «É preciso que Deus seja conhecido. Sim, Ele é bondade, paciência, misericórdia, mas também beleza, amor, luz para todas as mentes». E contou imediatamente sobre a sua consagração, do dia 7 de dezembro de 1943, a Doriana Zamboni, conhecida como Dori, a quem dava aulas de filosofia, e a quem, ainda em outubro daquele ano havia dito: «Nós queremos fazer algo novo. Não sei se você já viu o pátio de um convento, com todas as colunas. Pois bem, nós queremos fazer um convento onde as colunas sejam pessoas vivas, e no meio do jardim que elas circundam existe uma fonte de água viva: Jesus».

Nos fatos ligados à história do movimento que estava nascendo, ou melhor, do grupo de moças e rapazes que formou-se ao redor de Chiara, embora com a clara convicção que o carisma tivesse sido dado pessoalmente a ela, aparecem ao seu lado companheiras e companheiros que colaboram com ela de modo muito especial. Eram todas pessoas com

personalidades bem distintas, alguém era rico de estudos, outro só tinha o ensino médio, um era professor outro electricista, mas todos traziam na própria vida uma marca indelével: cada uma e cada um deles, em contato com o carisma da unidade, tinha mudado radicalmente a sua vida, colocando-a a serviço dele.

Em Giosi Guella, por exemplo, Chiara via “encarnado” o aspecto do seu carisma que é voltado “ao interno”, à vida “na casa”, aquilo que ajudava a conservar acesa “a chama” entre elas. E podemos pensar em Graziella de Luca, jovem fervorosa e dinâmica, em quem Chiara via sintetizado, de algum modo, tudo o que no seu carisma era voltado “ao externo”, à irradiação da luz recebida sobre o mundo. E entre elas havia Natalia Dallapiccola, que ao olhar de Chiara aparecia como aquela que, de certa forma, sintetizava estas duas “dimensões”: «nela o externo e o interno fazem unidade», Chiara escreveu em 1950. De algum modo, e com frequência, Chiara “via” ou “reconhecia” os diversos aspectos do seu carisma. Os via nas aptidões humanas de cada uma e cada um, mas “clarificados”, purificados pelo Espírito. Cada um de seus primeiros companheiros e primeiras companheiras tornou-se, portanto, um segmento do inteiro projeto da Obra que estava nascendo.

Algumas destas pessoas já deixaram este mundo, enquanto outras continuam a sua obra, até o fim, até as últimas energias. Mas, de um modo fora do comum, elas compõem um todo único, um corpo, unido indissolivelmente à fundadora, testemunhando aquela “santidade coletiva”, ou comunitária, que é parte integrante do carisma da unidade.

Os últimos anos de Chiara

Após um período de doença, no qual se retirou na Suíça, no início dos anos noventa a existência de Chiara Lubich teve uma aceleração intensa na sua abertura para a sociedade e os povos mais distantes. Com a segurança da plena inserção na Igreja, suscitou um tempo extraordinário de diálogos, viagens, reconhecimentos. Vários doutorados honoris causa, cidadanias e prêmios, em todos os continentes demonstraram quanto a sua influência ideal e concreta tivesse atingido o seu ápice.

Entre outras coisas recorda-se, destes anos (1994-2004), a abertura e consolidação de profundos e vastos diálogos com fieis das grandes religiões; o avio de uma longa série de setores do movimento aptos a aprofundar a contribuição do carisma da unidade nos diferentes âmbitos sociais (economia, política, comunicação, saúde...); o lançamento de uma grande ação conjunta, ecumênica e política, para «dar novamente uma alma à Europa».

Passado este longo período de viagens, fundações e abertura de novas fronteiras, chegou para Chiara a hora da doença. Os últimos três anos da sua aventura terrena foram, talvez, os mais difíceis da sua vida. Jesus abandonado, o seu Esposo, apresentou-se para o encontro «de forma solene». Havia a obscuridade, na qual Deus parecia ter desaparecido como o sol se põe no horizonte. E não obstante Chiara continuou a amar momento por momento, irmão após irmão. Continuou a servir o “desígnio de Deus” sobre o Movimento, acompanhando os seus desenvolvimentos até os últimos dias, quando, com sua grande alegria, o Vaticano aprovou o nascente Instituto Universitário Sophia.

Passou o último mês no Hospital Gemmeli, em Roma. Lá ainda despachou a correspondência e tomou decisões importantes para o Movimento. Recebeu também uma carta do Papa que relia sempre, recebendo grande conforto. E o Patriarca ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, foi visitá-la e a abençoou.

Nos últimos dias exprimia repetidamente o desejo de voltar para casa. Cumprimentou pessoalmente suas primeiras companheiras e primeiros companheiros, e os mais estreitos colaboradores. Depois, agravando-se paulatinamente, consumou as suas últimas energias recebendo centenas e centenas de pessoas que foram à sua casa para vê-la, beijar sua mão, dizer só uma palavra: obrigado. Havia uma grande comoção, mas maior, a fé no amor. Cantava-se o Magnificat pelas grandes coisas que o Senhor realizou nela e renovava-se o compromisso de viver o Evangelho, isto é, amar, como ela sempre fez e ensinou.

Chiara faleceu no dia 14 de março de 2008 pouco depois das duas horas da manhã. A notícia difundiu-se rapidamente no mundo inteiro, onde a sua família espiritual estava unida em oração.

Nos dias seguintes milhares de pessoas, de simples operários a personalidades do mundo político e religioso, estiveram em Rocca di Papa para homenageá-la. O funeral foi realizado na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, em Roma, pequena para conter a grande multidão (40 mil pessoas). Enviado por Bento XVI – que em sua mensagem, definiu Chiara, entre outras coisas, “mulher de fé intrépida, mansa mensageira de esperança e de paz” – o Secretário de Estado, Tarcisio Bertone, presidiu a celebração eucarística, concelebrada com outros nove cardeais, mais de 40 bispos e centenas de sacerdotes.

Ressoam as palavras pronunciadas um dia por Chiara: «Gostaria que a Obra de Maria, no final dos tempos, quando estiver à espera de comparecer diante de Jesus Abandonado-Ressuscitado, em bloco, pudesse repetir-lhe: “No teu dia, meu Deus, caminharei em tua direção... com o meu sonho mais desvairado: levar para ti o mundo em meus braços”. Pai que todos sejam um!».

Cronologia

22 de janeiro de 1920 – Chiara Lubich nasce em Trento e é batizada com o nome de Sílvia. Os pais são tipógrafos, a mãe cristã fervorosa, o pai socialista. O irmão, Gino, participará da resistência antifascista e depois será jornalista do periódico “A unidade”.

1938 – Diploma-se como professora primária. Ensina em Castello e em Livo, no Vale do Sol, e depois em Trento. Inscreve-se na Universidade de Veneza onde inicia os estudos de filosofia. Mas a Segunda Guerra Mundial a impede de continuar.

1939 – Participando de um curso para jovens da Ação Católica visita o santuário mariano de Loreto e descobre a sua vocação: uma “quarta estrada”, novidade na Igreja.

1943 – Como animadora da Terceira Ordem Franciscana é atraída pela escolha radical de Deus feita por Clara de Assis, e decide tomar o seu nome.

7 de dezembro de 1943 – Doa-se para sempre a Deus com o voto de castidade. Este dia será considerado a data de nascimento do Movimento dos Focolares.

13 de maio de 1944 – Um violento bombardeio atinge Trento. A casa de Chiara é danificada e sua família deve deixar a cidade. Mas ela decide permanecer, para sustentar o que estava surgindo ao seu redor. Mais tarde encontrará uma pequena casa, na Praça dos Capuchinhos, que dividirá com as suas primeiras companheiras. Nasce desse modo, de fato, o “focolare”.

1947 – Primeira aprovação diocesana do Movimento, por parte de dom Carlo De Ferrari, arcebispo de Trento, que havia reconhecido: «Aqui há o dedo de Deus».

1948 – Abre-se o primeiro focolare masculino, em Trento. Em Montecitorio, sede da Câmara dos Deputados, em Roma, Chiara conhece Iginio Giordani, pai de quatro filhos, deputado, escritor, jornalista, pioneiro do ecumenismo. Será o primeiro focolarino casado. Por Chiara será considerado cofundador do Movimento, pela sua contribuição determinante à encarnação da espiritualidade no âmbito social e aos desenvolvimentos ecumênicos do Movimento.

1949-1959 – A partir de 1949, todo verão Chiara vai para as montanhas Dolomitas, na região de Trento. A ela e a suas primeiras e primeiros companheiros, une-se um grupo cada vez mais numeroso de pessoas, formando um esboço de sociedade fundamentada no Evangelho. Nasce assim a Mariápolis, a cidade de Maria. Em 1959 mais de 10 mil pessoas se reunirão em Fiera di Primiero, provenientes de 27 países.

1953 – Oficialmente são reconhecidos os “focolarinos casados”, que se consagram a Deus segundo o próprio estado, e passam a fazer parte dos focolares masculinos e femininos.

1954 – Chiara funda o setor dos sacerdotes diocesanos e o dos religiosos que aderem ao Movimento. Pasquale Foresi é ordenado sacerdote pelo arcebispo de Trento. É o primeiro focolarino sacerdote. Também ele será considerado por Chiara um cofundador do Movimento, entre outras coisas pela contribuição dada ao desenvolvimento dos estudos, à redação dos estatutos, ao nascimento da casa editora e da Mariápolis permanente de Loppiano.

1956 – Sai o primeiro número da revista “Città Nuova”. Surgem os “voluntários”, pessoas comprometidas em levar Deus à sociedade, para a renovação das mais diferentes áreas da vida humana.

1959 – É publicada a primeira coletânea de escritos espirituais de Chiara, com o título “Meditações”. Desse modo tem início a atividade da Editora Cidade Nova.

Começa a difusão do Movimento dos Focolares além da “cortina de ferro”, nos países do leste europeu.

1961 – Em Darmstadt (Alemanha) Chiara conhece alguns pastores luteranos que desejam conhecer a sua espiritualidade evangélica. Para o Movimento abre-se assim o capítulo do ecumenismo.

1962 – Primeira aprovação pontifícia ad experimentum. João XXIII reconhece o Movimento com o nome de Obra de Maria.

1963 – É inaugurado em Rocca de Papa, nas proximidades de Roma, o primeiro “Centro Mariápolis”, para a formação dos membros do Movimento.

1964 – Em Incisa Valdarno, arredores de Florença, inicia a construção da primeira Mariápolis permanente, na localidade Loppiano.

1966 – Em Londres Chiara é recebida em audiência pelo arcebispo de Cantuária, dr. Michael Ramsey, primaz da Comunhão Anglicana, que encoraja a difusão da espiritualidade dos Focolares na Igreja da Inglaterra.

Funda o Movimento gen (Geração Nova), setor juvenil do Movimento dos Focolares.

Em Fontem (República dos Camarões) coloca a primeira pedra de um hospital, em ajuda à tribo dos Bagwa, onde nascerá uma

Mariápolis permanente, como testemunho de unidade e colaboração entre o Movimento e a população local. Chiara funda o Movimento paroquial, em resposta ao encorajamento do Papa Paulo VI a levar o espírito das unidades nas paróquias e dioceses.

1967 – Encontra, em Istambul, o patriarca ecumênico de Constantinopla, Atenágoras I. Será a primeira de 24 audiências.

Funda o Movimento Famílias Novas.

1968 – Funda o setor dos Gens (Geração nova sacerdotal) para os seminaristas. Chiara Lubich compreende que as ações nascidas no âmbito social compunham-se numa interdependência vital, num único movimento ao qual denominou “Humanidade Nova”, confiando-o aos voluntários e voluntárias, quais animadores.

1970 – Funda o movimento para os adolescentes, os gen 3, terceira geração do Movimento dos Focolares.

1971 – Dá início ao Movimento das religiosas aderentes ao Movimento dos Focolares. Paulo VI dá sua benção, em uma audiência.

1975 – Por ocasião do Ano Santo, 25 mil jovens reúnem-se em Roma para o Genfest.

1976 – Tem início a série de encontros anuais internacionais dos “bispos amigos do Movimento dos Focolares”, promovidos por d. Klaus Hemmerle, bispo de Aachen (Alemanha), com o objetivo de aprofundar a espiritualidade da unidade e viver uma experiência de colegialidade “efetiva e afetiva”. Dom Hemmerle será considerado cofundador do Movimento.

1977 – Na Guildhall, de Londres, Chiara recebe o Prêmio Templeton para o progresso da religião, presentes

representantes de numerosos credos. É assim que tem início oficialmente o diálogo com os seguidores de outras religiões.

1980 – No Estádio Flamínio, em Roma, 40 mil jovens reúnem-se para o Genfest internacional. Será a maior manifestação pública do Movimento.

1981 – Convidada pelo reverendo Nikkyo Niwano, fundador do movimento leigo de renovação budista Rissho Kosei-kai, Chiara fala da sua experiência cristã em seu majestoso templo, em Tóquio, para 10 mil pessoas. Inicia assim uma fecunda relação de diálogo e colaboração em campo humanitário e a favor da paz.

1982 – Primeiro encontro anual internacional de “bispos amigos do Movimento dos Focolares” de várias Igrejas e comunidades eclesiais, a pedido de João Paulo II.

1983 – Primeiro congresso internacional do Movimento Humanidade Nova, no Palaeur de Roma, com a presença de mais de 15 mil pessoas, dos cinco continentes.

1984 – João Paulo II visita o Centro Intermacional do Movimento, em Rocca di Papa (Roma). Chiara funda, para as crianças, o Movimento gen 4, e dá a partida ao Movimento Juvenil pela Unidade.

1985 – Chiara é nomeada consultora do Pontifício Conselho para os Leigos. Participa do sínodo extraordinário pelos vinte anos do Vaticano II. O Genfest 1985, em Roma, assinala o nascimento do Movimento Jovens por um Mundo Unido, do qual os gen e as gen são os principais animadores.

1988 – Recebe o Prêmio Paz Augustana, da cidade de Augsburg, na Alemanha.

1990 – O Pontifício Conselho para os leigos aprova os estatutos gerais atualizados do Movimento dos Focolares. Com a colaboração de d. Klaus Hemmerle, Chiara inaugura a Escola Abba (centro de estudos interdisciplinares), com o objetivo de aprofundar a dimensão doutrinal contida no carisma da unidade.

1991 – No Brasil, na Mariápolis Araceli, arredores de São Paulo, dá início ao projeto por uma Economia de Comunhão.

1993 – No Palaeur de Roma realiza-se o 2º Familyfest, coligado via satélite com inúmeros pontos de escuta, e transmitido por 63 canais de televisão nacionais e muitos locais. Chegará a cerca de 500 milhões de pessoas.

1994 – Chiara é nomeada presidente honorária da WCRP (World Conference on Religion and Peace – Conferência Mundial das Religiões pela Paz).

1996 – Com um grupo de políticos aderentes ao Movimento dos Focolares dá início, em Nápoles, Itália, ao Movimento Político pela Unidade. Em Paris recebe o Prêmio Unesco pela Educação à paz. Recebe o doutorado honoris causa em Ciências Sociais da Universidade de Lublin, na Polônia. Seguirão outros 15: Teologia (Filipinas e Taiwan 1997, Eslováquia 2003 e Grã-Bretanha 2008), Comunicações Sociais (Tailândia 1997), Ciências Humanas (USA 1997), Filosofia (México 1997), Interdisciplinar (Argentina 1998), Ciências da Religião (Brasil 1998), Economia (Brasil 1998, Itália 1999), Psicologia (Malta 1999), Pedagogia (USA 2000), Arte (Venezuela 2003), Teologia da vida consagrada (Roma 2004).

1997 – Em Bancoc, na Tailândia, encontra o patriarca supremo do budismo tailandês, H. H. Somdet Phra Nyanasamvara, que encoraja o diálogo e a colaboração entre budistas e o

Movimento. Em Chiang Mai fala a numerosos monges, monjas e leigos budistas, comunicando a eles a sua experiência espiritual. Em Manila (Filipinas) apresenta o Movimento dos Focolares à assembleia geral da Conferência episcopal filipina. Em seguida falará também às assembleias episcopais de Taiwan, Suíça, Argentina, Brasil, Croácia, Polônia, Índia, República Tcheca, Eslováquia, Áustria. No Palácio de Vidro da ONU, em Nova Iorque, num simpósio organizado pela WCRP, fala sobre a unidade dos povos. Dá o seu testemunho a três mil muçulmanos afro-americanos da Sociedade Muçulmana Americana, na mesquita de Malcolm X, no Harlem (Nova Iorque), convidada pelo imã W. D. Mohammed, seu fundador. Em Graz, na Áustria, propõe a espiritualidade da unidade como “espiritualidade ecumênica”, na abertura da segunda assembleia ecumênica europeia, promovida pelo Conselho das Conferências Episcopais Europeias – CCEE, e pelo Conselho das Igrejas cristãs europeias, KEK, que congrega as Igrejas ortodoxas e da Reforma.

1998 – Em Buenos Aires (Argentina) encontra a comunidade judaica.

O presidente da República do Brasil confere-lhe a condecoração do Cruzeiro do Sul, pelo empenho em favor das classes menos favorecidas e pela promoção da Economia de Comunhão.

Na Praça de São Pedro, em Roma, está entre os quatro fundadores que se pronunciam no primeiro encontro internacional dos movimentos eclesiais e novas comunidades (mais de 300 mil participantes), assumindo diante do Papa o compromisso de iniciar um caminho de comunhão entre os movimentos.

Em Estrasburgo, França, recebe o Prêmio Direitos Humanos 1998, do Conselho da Europa.

Em Berna, capital da Suíça, pronuncia um discurso na celebração oficial pelos 150 anos da Constituição suíça.

1999 – Por ocasião do 50º aniversário do Conselho da Europa é convidada a um congresso sobre “Sociedade de mercado, democracia e solidariedade”, em Estrasburgo, onde apresenta a Economia de Comunhão.

Em Speyer, na Alemanha, é uma das promotoras de um encontro entre fundadores e responsáveis de 14 movimentos eclesiais e novas comunidades, juntamente com a Comunidade de Santo Egídio e a Renovação Carismática, com uma mensagem de encorajamento de João Paulo II.

Em Augsburg, na Alemanha, participa da cerimônia da assinatura da Declaração comum sobre a justificação, e encontra os máximos responsáveis da Federação luterana mundial.

2000 – Recebe as cidadanias honorárias de Roma e de Florença. Foram 17 as cidadanias honorárias conferidas nestes anos, entre as quais a de Palermo, Gênova, Turim, Milão e Buenos Aires. Recebe a Grã Cruz ao mérito da República federal da Alemanha. Em Rothenburg, Alemanha, encontra representantes de cinquenta movimentos evangélico-luteranos. Em Washington D.C. discursa em uma convenção com mais de cinco mil cristãos do Movimento dos Focolares e muçulmanos afro-americanos da Sociedade Muçulmana Americana. É uma nova etapa de um diálogo que continua em diversas cidades dos Estados Unidos. Em Roma, no Palácio San Macuto, diante de um considerável grupo de parlamentares, apresenta os ideais do Movimento Político pela Unidade. Em Assis promove um percurso de comunhão entre carismas antigos e novos, num encontro com a família franciscana.

2001 – Em Coimbatore, na Índia, recebe o Prêmio Defensor da Paz, do Shanti Ashram e do Sarvodaya Movement, duas instituições gandianas; apresenta a sua experiência espiritual também em Mumbai, na Universidade Somaya.

Em Praga, na República Tcheca, encontra o presidente da República, Vaclav Havel.

Em Bratislava, na Eslováquia, numa reunião do parlamento nacional, apresenta a “política de comunhão”, a 150 deputados e prefeitos.

Em Innsbruck, na Áustria, apresenta a sua experiência de fraternidade na política no congresso “Mil cidades pela Europa”, pela construção de uma Europa dos cidadãos.

2002 – Em Castelgandolfo (Roma) é organizado um simpósio de diálogo inter-religioso entre os membros da Escola Abba e renomados estudiosos de religião hindu. Em Genebra (Suíça) fala de ecumenismo na catedral de São Pedro, durante o culto dominical, convidada pelo presidente da Igreja protestante de Genebra. E ao Conselho ecumênico de Igrejas propõe a “espiritualidade de comunhão” como “espiritualidade ecumênica”. Na Espanha, em Barcelona, leva o seu projeto sobre a fraternidade ao Parlamento da Catalunha. Em Montserrat fala da sua experiência de vida a 400 monges e freiras. Em Madri leva a sua mensagem política na sede local do parlamento europeu, diante de um prestigioso auditório de políticos e administradores.

2003 – Na Índia, Chiara Lubich e seus colaboradores continuam o diálogo com os expoentes hindus, no Somaya College, com o Bharatiya Vidya Bhavan, com a Swadhyaya Family, com os gandianos do Sarvodaya Movement e com a Gandhigram University. Durante esta mesma viagem realizam-se frutuosa

contatos com católicos, em Mumbai e Delhi, a convite do cardeal Dias e do arcebispo Conceição.

Em resposta ao mandato conferido por João Paulo II ao Movimento dos Focolares, de dar relevo à iniciativa do ano dedicado ao Rosário, pela paz no mundo, promove o Congresso internacional mariano, em Castelgandolfo (Roma). A este seguirão outros 157 congressos, nos cinco continentes, em nível nacional e local.

2004 – Recebe do presidente da República italiana as insígnias de Cavaleiro da Grã Cruz.

Em Stuttgart (Alemanha), em concomitância com a ampliação da União Europeia a 25 países, realiza-se a Jornada Juntos pela Europa, fruto do caminho de comunhão entre mais de 150 movimentos e comunidades, de várias Igrejas (luteranos, ortodoxos, anglicanos, igrejas livres...). Presentes 9 mil pessoas, transmitida via satélite e acompanhada ao vivo por 100 mil pessoas, em 163 encontros simultâneos, realizados em cidades europeias.

2007 – No dia 7 de dezembro, com Decreto Pontifício, é instituído o Instituto Universitário Sophia, com sede na Mariápolis de Loppiano. Surge como um desenvolvimento da Escola Abba. É o último ato oficial assinado por Chiara Lubich.

14 de março de 2008. Após uma longa doença, e depois de ter recebido, no hospital, a visita do patriarca ecumênico da Constantinopla, Bartolomeu I, e ter sido confortada por uma carta pessoal de Bento XVI, Chiara morre em sua casa de Rocca di Papa, depois de ter sido visitada por centenas de pessoas. No dia 18 de março realiza-se o funeral, na basílica de São Paulo Fora dos Muros, em Roma, celebrado pelo secretário de Estado do Vaticano, cardeal Tarcisio Bertone.

Causa de Canonização

Testemunhas de fé e de amor – Na Igreja católica, é um costume apresentar aos próprios fiéis, como estímulo de vida cristã, pessoas que se destacaram por um testemunho particular de fé e de amor a Deus e para com todos. Isto acontece após um processo canônico de averiguação, que observa também o patrimônio de vida, de pensamento e de ação da pessoa, e que não pode ser iniciado antes de cinco anos da morte.

Nestes anos, pensando em Chiara Lubich (1920-2008) e na sua herança, pessoas comuns e autoridades – embora com visões diferentes – expressaram o desejo de que pudesse acontecer o mesmo para ela. Um reconhecimento para encorajar muitas pessoas a um maior compromisso moral e espiritual para o bem da humanidade. Um estímulo a assumir o desejo, muitas vezes expresso por Chiara, de santificar-se juntos, para propor à Igreja, para além da santidade de um indivíduo, a santidade do povo. Com este espírito, a presidente dos Focolares, Maria Voce, no dia 7 de dezembro de 2013, anunciou a decisão de pedir a abertura da causa de beatificação de Chiara Lubich.

Depois de um ano para a realização dos atos canônicos previstos para o início da causa, o bispo de Frascati, D. Raffaello Martinelli, fixou o dia 27 de janeiro de 2015 a data da Abertura solene da “Causa de beatificação e canonização da Serva de Deus Chiara Lubich”. Com uma carta ao Movimento dos Focolares, Maria Voce comunicou com grande alegria a abertura da causa, convidando todos aqueles que aderem à espiritualidade da unidade a um «testemunho vivo» do que Chiara viveu, anunciou e partilhou com muitas pessoas, no compromisso comum de «ser santos juntos».

A cerimônia de abertura, chamada Prima Sessio, foi realizada na catedral de Frascati, iniciando às 16h, com a oração das Vésperas. Procedeu-se à leitura do Decreto de introdução da Causa e do Édito de nulla osta da Santa Sé, e à instituição do tribunal nomeado pelo bispo; a seguir os juramentos do bispo, dos membros do tribunal e da postulação.

A sua vida nutriu uma ideia de santidade enraizada no Evangelho. Chiara escreveu: «Nós encontramos a santidade em Jesus, que floresce em nós porque amamos... Se procurássemos a santidade por ela mesma, nunca a alcançaríamos. Amar, portanto, e nada mais. Perder tudo, até o apego à santidade, para mirar só a amar». Seremos santos, explicava, «se a base da nossa santidade (ante omnia, até mesmo antes da santidade) pomos a mútua caridade: Jesus entre nós como premissa ou princípio, como meio para nos santificarmos e como fim».

Recordando Chiara

“Mulher de fé intrépida, mansa mensageira de esperança e de paz”

O serviço “silencioso e incisivo” prestado por Chiara Lubich à Igreja, em “total sintonia” com o magistério dos Pontífices, foi ressaltado por Bento XVI na carta lida pelo cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado, durante o funeral da fundadora do Movimento dos Focolares, celebrado na terça-feira, 18 de março, na basílica de São Paulo Fora dos Muros.

Ao Senhor Cardeal

TARCISIO BERTONE, Secretário de Estado

Participo espiritualmente na solene liturgia com a qual a comunidade cristã acompanha Chiara Lubich em sua despedida desta terra para entrar no seio do Pai celeste. Renovo com afeto meus profundos pêsames aos responsáveis de toda a Obra de Maria – Movimento dos Focolares –, bem como a quem colaborou com esta generosa testemunha de Cristo, que se entregou sem reservas pela difusão da mensagem evangélica em todos os âmbitos da sociedade contemporânea, sempre atenta aos «sinais dos tempos».

Há muitos motivos para dar graças ao Senhor pelo dom que fez à Igreja desta mulher de fé intrépida, mansa mensageira de esperança e de paz, fundadora de uma grande família espiritual que abraça múltiplos campos de evangelização. Gostaria, acima de tudo de dar graças a Deus pelo serviço que Chiara ofereceu à Igreja: um serviço silencioso e incisivo, sempre em sintonia com o magistério da Igreja: «Os Papas – dizia – sempre nos compreenderam».

Isso porque a Chiara e a Obra de Maria sempre procuraram responder com dócil fidelidade a cada um de seus chamados e desejos. O vínculo ininterrupto com meus venerados Predecessores, desde o Servo de Deus Pio XII e o Bem-aventurado João XXIII, aos Servos de Deus Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, é um testemunho concreto disso. O pensamento do Papa era para ela uma orientação segura.

E mais ainda, ao ver as iniciativas que suscitou, poderíamos inclusive afirmar que tinha quase a profética capacidade de intuí-lo e de atuá-lo de maneira antecipada. A sua herança passa agora à sua família espiritual: que a Virgem Maria, modelo constante de referência para Chiara, ajude cada focolarino e focolarina a seguir pelo mesmo caminho, contribuindo para fazer com que a Igreja seja cada vez mais

casa e escola de comunhão, como escreveu o querido João Paulo II após o Jubileu do Ano 2000.

Que o Deus da esperança acolha a alma de nossa irmã, console e sustente o compromisso dos que recolhem seu testamento espiritual. Por esta intenção asseguro uma recordação particular na oração, enquanto envio a todos os presentes ao rito sagrado a Bênção Apostólica.

Vaticano, 18 de março de 2008

Benedictus PP XVI

Recordando Chiara Lubich às margens do Bósforo

Istambul. O Patriarca Bartolomeu faz as honras da casa na igreja ortodoxa de Aya Strati Taksiarhi para o evento que envolve cerca de cem representantes do mundo ortodoxo e católico, por ocasião do 7º aniversário de morte da fundadora dos Focolares, Chiara Lubich. Estão presentes os metropolitas Ireneos, Apostolos e Elpidophoros; dois arquiemandritas, padre Vangeli, que traduziu do grego para o turco, e o Grão Arquiemandrita Vissarion. Presentes ainda o arcebispo dos Armênios católicos, Levon Zekiyan e o bispo católico Louis Pelatre, entre outros. A linguista Maria Caterina Atzori, do Centro de Estudos dos Focolares, apresenta os volumes de Chiara Lubich traduzidos em grego. Moderador, o jornalista Nikos Papachristou, de Atenas.

«No decorrer dos séculos, a divina epifania do Senhor manifestou-se de muitas maneiras, para fazer com que a humanidade compreendesse as coisas de Deus», iniciou o Patriarca, após ter aberto o encontro com uma oração por Chiara, entoando o hino do Espírito Santo. «Ele não se cansou de fazer surgir entre nós santos homens e mulheres, que com o seu exemplo, com o seu amor fundado na filantropia divina, e com a palavra inspirada pelo Espírito Santo, constantemente

solicitam uma “metanoia”, uma conversão do coração para toda a humanidade sofredora».

No seu discurso o patriarca delineou a figura espiritual de Chiara, como testemunha direta dos encontros entre ela e o Patriarca Atenágoras: «Como não perceber a sabedoria de Deus na obra abençoada que a nossa irmã Chiara ofereceu às nossas Igrejas, às nossas sociedades e a todos os homens de boa vontade? Aquela que o nosso amado predecessor, o Patriarca Atenágoras (...) chamava amavelmente de Tecla, a discípula de Paulo, aquela que é igual aos apóstolos».

E retomou os passos relevantes do caminho de espiritualidade aberto por ela na igreja, e não apenas: «A mansa Chiara respondeu ao chamado de Deus, fazendo-se em tudo semelhante ao seu Mestre, mas, principalmente, deixando-se tornar um vaso que oferece estradas de salvação, para levar todos a Cristo. A sua vida consumou-se na busca de vias de encontro e de diálogo com todos, marcada pelo profundo respeito por cada cultura, na qual sabia conduzir o caminho do encontro, do conhecimento e da colaboração recíproca».

«Chiara Lubich inicia o seu percurso de vida dedicada ao Senhor nos sofrimentos da guerra. Nesse sofrimento vive o Cristo crucificado e abandonado e compreende que não existe Ressurreição sem passar pela queda. O sofrimento de Cristo torna-se o seu sofrimento pessoal; mas nunca desespero».

«A sua vida é caracterizada por uma paixão pela Sagrada Escritura, que nela torna-se Palavra edificante, viva, exaltante. Viveu até o fim o mandamento do Senhor: “(...) como eu vos amei, amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34). Até contagiar um número incontável de pessoas, diferentes entre si, mas unidas por um ideal concreto de comunhão.

Chiara sempre foi filha fiel da sua Igreja. E nesta convicta participação, sentiu o drama da divisão, da impossibilidade de participar do mesmo Cálice.

Percebendo o grito de dor pela dilaceração, oferece-se totalmente pelo carisma da unidade, fazendo-se instrumento nas mãos de Deus para encontrar os líderes das Igrejas, como simples fieis. Mas não se detêm aí: solicita, impulsiona, convida, propõe a descoberta de novos caminhos de comunhão».

«Chiara tem um amor muito especial pela Santa e Divina Eucaristia do Senhor. Nela percebe a dádiva de amor Daquele que se ofereceu uma vez para sempre, para atrair o homem a si. Podemos afirmar que nela forma-se uma consciência eucarística da unidade». «Um outro aspecto ainda podemos vislumbrar na obra de Chiara: a unidade da Trindade, por meio da Eucaristia, passa pela família. (...) O lugar onde pode resplandecer o amor mútuo que liga naturalmente os seus membros. (...) É neste contexto que entrevê-se a unidade da família humana em todos os seus aspectos, na sociedade, na política, na economia, no respeito à obra de Deus em cada um de nós individualmente e em toda a sua maravilhosa criação. A mensagem e a obra de Chiara, portanto, mostram-se cada vez mais atuais, principalmente no contexto mundial em que estamos vivendo».

É, assim, particularmente apreciado «o presente que o Movimento dos Focolares oferece hoje, ao apresentar a obra de Chiara Lubich em língua grega. O acolhemos como uma dádiva entre irmãos, que certamente fará apreciar ao público grego, ao fiel grego-ortodoxo, esta maravilhosa mensagem de unidade e de amor».

E enfim, dirige-se a Chiara, a fim de que interceda «para que o alvorecer de um novo dia para esta humanidade ferida

possa surgir logo, e que os sentimentos pelo quais consumou toda a sua vida produzam frutos abundantes, lá onde, nestes dias, não vemos nada além de trevas e martírio de sangue».

Andrea Riccardi: “O destino comum dos homens”

Encontramos Andrea Riccardi em Castelgandolfo, no Centro Mariápolis. A atmosfera era a de um dia de festa, centenas de pessoas (até o final chegariam a duas mil) confluem para o evento comemorativo do décimo aniversário de falecimento de Chiara Lubich. Do lado de fora da saleta onde o encontramos escutam-se muitas vozes. «Dez anos depois, voltar a falar de Chiara Lubich não é retornar ao passado, não é fazer arqueologia – afirma Andrea Riccardi – e também não é apenas traçar uma memória sentimental, como se pode ter por uma pessoa que foi importante na Igreja. Mas – ele confia – creio que foi importante também na minha vida».

Referindo-se aos anos cruciais nos quais, após um parêntesis que durou um século, renascia a democracia na Europa, caía o muro e a “cortina de ferro” era desmantelada, o fundador da Comunidade de Santo Egídio afirma: «Na minha opinião, a mensagem de Chiara tem mais valor hoje do que no tempo da Guerra Fria ou em 1989. Hoje, neste mundo global, a mensagem de Chiara nos fala do destino de todos os homens, da unidade dos povos e da unidade da família humana. Mas não é a mensagem de uma socióloga, embora sendo uma mensagem muito profunda, porque Chiara era uma mulher capaz de síntese e de profundidade, capaz de análises e de comunicação simples».

«Atualmente é necessária uma mensagem de unidade, porque este mundo global não unificou-se espiritualmente. Já o dizia o Patriarca Atenágoras [Patriarca Ecumênico de Constantinopla], o grande amigo de Chiara: “Existe uma

unificação do mundo, mas não há uma unificação espiritual”. E Chiara nos mostra que é possível unificar o mundo, os pobres com os ricos, os distantes com os próximos, os estrangeiros com os nativos. E Chiara diz ainda – ele acrescenta – que eu, pequeno homem, tu, pequena mulher, tu jovem, tu ancião podes, tu podes mudar o mundo».

«Chiara foi amiga dos grandes, admirada pelos grandes. Penso na sua amizade com João Paulo II, que a chamava “a minha coetânea”. Mas Chiara demonstrou também que o mundo pode ser mudado pelos pequenos que tem fé. É Maria no Magnificat».

«Chiara ajudou-me a entender o que significa o valor do carisma, porque reconheceu em mim, reconheceu na Comunidade de Santo Egídio, um carisma. E ela possuía um senso profundo das pessoas e das experiências de Igreja». E conclui: «Para mim Chiara exprime uma lembrança muito estimada, de uma profunda amizade. Chiara foi uma amiga, nos pequenos detalhes, na atenção com que recebia em sua mesa, nos telefonemas, no cuidado pessoal. E é uma pessoa que teve a visão correta em grandes momentos da Igreja. Penso, por exemplo, no encontro de João Paulo II com os Movimentos, quando ela disse: “Esta é uma visão fulgurante do Papa, é um ponto de chegada e deve ser um novo ponto de partida”. Neste dia o meu afeto é acompanhado por uma oração de memória, com Chiara, por Chiara».

Chiara foi recordada em muitos países do mundo

Um evento internacional, feito de congressos e seminários em várias capitais do mundo, para refletir sobre as perspectivas que emergem da mensagem de unidade de Chiara para a realidade política, foi o fio condutor de muitos dos encontros realizados. Mas a relação entre o carisma da unidade

e a política não foi o único aspecto salientado nestas comemorações.

Em Istambul, o Patriarca Bartolomeu fez as honras da casa no evento que reuniu cerca de cem representantes do mundo católico e ortodoxo, para a apresentação dos livros de Chiara traduzidos em grego. No seu discurso citou-a como uma das «santas mulheres, que com o seu exemplo, com o seu amor apoiado na filantropia divina e com a palavra inspirada pelo Espírito Santo, solicitam constantemente uma “metanoia”, uma conversão do coração para toda a humanidade sofredora».

Dentro da crise – Dois encontros realizados no Congo pareceram uma resposta para a crise política que atinge o país. Em Lubumbashi participaram 370 pessoas, cristãs e muçulmanas. Os jovens dos Focolares apresentaram, de modo artístico, o amor de Chiara pelos pobres, o seu encontro com Iginio Giordani e o seu “sonho”: a unidade da família humana. A Missa foi animada por um grupo de cinquenta seminaristas. Em Goma o evento teve a participação de 400 pessoas, com um nutrido grupo de políticos da província Kivu do Norte e representantes da sociedade civil. Após o encontro a RTNC difundiu o evento em quatro línguas locais.

Não faltaram iniciativas corajosas em outros pontos quentes do planeta. Na Nigéria, por exemplo, houve vários eventos: em Yola, onde os refugiados são numerosos, o bispo celebrou a Missa por Chiara, rezando pela paz; em Abuja e Lagos foram feitas jornadas para os jovens preparadas pelos jovens; em Onitsha um encontro com mais de 300 pessoas, adultos, jovens e crianças; em Jos, onde não foi possível realizar um grande evento por causa de uma explosão que acontecera poucos dias antes, um grupo do Movimento dos Focolares foi visitar o Instituto Penal de Menores.

O tema da paz esteve no centro do evento organizado em Bujumbura (Burundi), com mais de mil participantes. Muitos testemunhos evidenciaram a possibilidade de viver em harmonia e construir a paz, inclusive lá onde isso não é fácil. O bispo, D. Evariste Ngoyagoye, esteve presente durante a manhã.

Na América Central é candente o tema da política. Escreveram de Honduras: «Cansados de uma política corrupta e bombardeados por notícias violentas que geram desânimo na população, organizamos este evento para transmitir o valor típico do carisma da unidade, por meio de ideias e testemunhos». Em El Salvador, que aguarda pela beatificação de D. Romero, questionava-se como é possível viver pela unidade mesmo em meio à violência. Entre os testemunhos houve o de Francisco. Abordado por dois jovens armados, ele conseguiu abrir um diálogo com eles, falando de Deus. Os dois delinquentes, “desarmados”, baixaram as armas e foram embora.

No Paquistão, em Karachi, Lahore, Rawalpindi e Dalwal – no total, mais de mil pessoas – houve quatro celebrações que falaram de esperança, após os trágicos acontecimentos do dia 15 de março, em Yohannabad.

Nas sedes institucionais – Em Seul (Coreia), numerosos deputados e pessoas que atuam na administração pública reuniram-se no Parlamento para um balanço do caminho rumo a uma política de fraternidade, iniciado dez anos atrás. Em Madri (Espanha), a sede do Parlamento Europeu recebeu um seminário sobre «Um mundo, muitos povos abraçando a diversidade». Em Estrasburgo (França), sede de instituições europeias, foram realizados três dias de eventos sobre o tema da fraternidade como categoria política. Em Roma, o congresso

«Chiara Lubich: a unidade e a política», realizou-se na Sala do Palácio dos Grupos parlamentares, da Câmara dos Deputados.

Numerosos os políticos presentes na mesa-redonda organizada em Toronto (Canadá) que abordou a visão de Chiara sobre a política. Em Solingen (Alemanha), o tema central do encontro foi a cultura da fraternidade em três campos muito atuais: os refugiados, a paz, o diálogo com outras culturas. Mais de cem foram os participantes, de várias confissões e religiões e de diversas nacionalidades.

«O pensar e o agir político de Chiara Lubich» foi o tema dos trabalhos no evento dedicado a Chiara em Curitiba (Brasil), onde foi também lançado um selo comemorativo. O Parlamento da Província de Córdoba (Argentina), recordou Chiara aprovando o decreto de reconhecimento póstumo à sua obra.

Aprofundamentos sobre política aconteceram ainda em outras cidades da Itália, Hungria, República Tcheca, Portugal, Suécia, Estados Unidos, Honduras, México, Colômbia, Tanzânia, Quênia.

Em vários âmbitos – Mas para recordar Chiara Lubich, no dia 14 de março, não se falou somente de política. Arte e cultura foram o centro de eventos variados e originais. Em Durban (República Centro Africana) aconteceu a terceira edição do «Chiara Lubich Memorial Lecture», com a participação de Ela Gandhi, neta do Mahatma Gandhi. Em Maracaibo (Venezuela), a Universidade Católica Cecilio Acosta (UNICA), realizou um concurso para a IV Bienal de Arte Chiara Lubich. Dirigido a artistas profissionais, estudantes e amadores, deu a possibilidade para que as obras fossem expostas da Praça da República.

Em vários países, a preparação e realização dos eventos ligados ao dia 14 de março, foram uma ocasião para reunir-se.

Um exemplo disso foram os dois encontros em Cuba: em Havana, com mais de 200 pessoas, e em Santiago de Cuba, com 150. As comunidades locais prepararam as jornadas para apresentar o Movimento dos Focolares e deram o seu depoimento sobre a incidência da espiritualidade da unidade em muitos âmbitos da vida pessoal e social. Em Cochabamba, na Bolívia, reuniram-se 120 pessoas. Na Cidade do México e no território de Nezahualcoyotl, Chiara foi recordada durante uma Mariápolis.

No Vietnam, seja em Ho Chi Min, no sul, como na pequena vila de Ngo Khe (Hanói), no norte, reuniram-se ao redor do altar para renovar «diante de Deus e de Chiara, o nosso compromisso de levar adiante, com fidelidade, o seu mandato», escreveram. Reuniram-se em Yangon, Mianmar, onde a maioria dos membros dos Focolares não conheceu Chiara pessoalmente, mas sente-se atraída pelo seu carisma. Também na Tailândia, seja em Bancoc que em Chiang Mai, a família dos Focolares reuniu-se. Na Eslováquia, em Kosice e Bratislava, reuniram-se 600 pessoas: «Os testemunhos de membros de Igrejas não católicas – eles contam – e de pessoas sem uma referência religiosa, nos mostraram como Chiara pertence a todos. O reitor da Universidade de Trnava, Prof. Peter Blaho, que em 2003 conferiu a Chiara o Doutorado Honoris Causa em teologia, compartilhou suas recordações do encontro com ela».

Em Fontem, nos Camarões, eram 500 pessoas, de todas as vilas que circundam a Mariápolis permanente, para recordar “Mafua Ndem”, Chiara Lubich. O tema escolhido para este momento foi «O impacto do Ideal da Unidade nos vários aspectos da vida social». Os estudantes do colégio de Fontem apresentaram suas experiências sobre o «dado da paz»: «Desde quando introduzimos o dado nas nossas classes – escreveram –

diminuíram os furtos, a ausência, o rendimento escolar melhorou, todos cuidam do material dos outros, há mais tolerância e nos perdoamos mais facilmente. Cresceu a partilha entre todos os estudantes...».

Momentos de oração – Muitas personalidades civis e religiosas participaram das celebrações eucarísticas realizadas no mundo inteiro. Entre as tantas intervenções de bispos e cardeais, nas várias celebrações, trazemos a do cardeal Angelo Scola, de Milão, que disse, entre outras coisas: «O nosso desejo hoje é abraçar, com renovada consciência, o sonho que animou a vida e o pensamento de Chiara, construindo espaços de fraternidade em toda parte, onde nos encontramos, e privilegiando as necessidades do próximo que está ao nosso lado, e do que está longe, que vive em países onde há guerra e violência. Queremos, desse modo, ser testemunhas autênticas do carisma que Deus deu a Chiara, estando ao serviço da Igreja e da humanidade».

Card. Ryłko: Chiara Lubich e a dimensão profética do seu carisma

A onze anos da morte da fundadora dos Focolares, são muitos os eventos que a recordam no mundo. Em Roma, o Card. Ryłko celebrou uma S. Missa na presença de Maria Voce e Jesús Morán. Além de um consistente grupo do “povo” de Chiara, muitas as autoridades civis, religiosas e os amigos dos Focolares que tomaram parte.

Iniciadora de novas estradas de vida cristã, mulher totalmente confiada a Deus e de profunda identidade “mariana”. Justamente por isso Deus depositou nela um dom para a Igreja e para o mundo: o carisma da unidade. Estes, em síntese, os pontos fundamentais da vida de Chiara e dos Focolares percorridos pelo Card. Stanisław Ryłko, ex

Secretário e depois Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, durante a S. Missa celebrada no dia 14 de março em Roma, no mais antigo santuário mariano, a basílica de Santa Maria Maior, por ocasião do décimo primeiro aniversário da morte de Chiara Lubich.

EmmausPresentes, além da Presidente dos Focolares Maria Voce, do Copresidente Jesús Morán e de um consistente grupo do “povo de Chiara”, também representantes civis, religiosos, do mundo diplomático e de diversos movimentos cristãos: uma assembleia variegada, que parecia restituir a Chiara aquele abraço dirigido por ela à humanidade. “Quantas vezes vocês ouviram Chiara pronunciar estas palavras – lembrou o Card. Ryłko: «É o amor que conta. É o amor que faz o mundo caminhar, já que se alguém tem também uma missão a desempenhar ela é tão mais fecunda quanto mais é impregnada de amor».

“Hoje, os desafios que vivemos, pessoalmente e como povos, não são menos do que aqueles que Chiara teve que enfrentar quando começou – declara uma jovem que há pouco tempo conheceu os Focolares. Nada mais atual do que a sua mensagem de unidade hoje; do que a sua visão de um mundo que, na sua diversidade e contradição, pode avançar unido inclusive em meio a polarizações que parecem lacerar as nossas relações”.

Colhia-se, nas palavras do Card. Ryłko, a amizade fraterna de longos anos com a fundadora dos IMG 8750Focolares – “Percorremos um longo trecho de estrada juntos” – e o profundo conhecimento do dom que Deus lhe fez. “Na vida de um Movimento, é muito importante a memória das origens – salientou –, como na fonte a água é sempre mais límpida, assim nas origens um carisma se apresenta em toda a sua fascinante beleza e novidade. E o Movimento descobre melhor a sua

identidade. A identidade mais profunda de vocês está encerrada no próprio nome do seu Movimento: Obra de Maria. Uma particular presença de Maria os acompanha desde o nascimento de vocês. Esta dimensão mariana caracteriza todo o empenho missionário de vocês no mundo. O Papa Francisco fala frequentemente de um “estilo mariano de evangelização” como o mais adequado para os nossos tempos”.

Depois, definiu o povo dos Focolares como uma “geração nova” de homens e mulheres, de jovens, de famílias novas, todos enamorados pelo amor de Deus e pelo ideal da unidade.

No final da celebração, agradecendo a todos os presentes, Maria Voce comunicou a abertura, no próximo dia 7 de dezembro, do ano dedicado ao centenário do nascimento de Chiara Lubich. De fato, o ano de 2020 será constelado de numerosas iniciativas e eventos de variadas naturezas voltados a “celebrar para encontrar” Chiara, como dita o slogan do próprio centenário.

“Gostaríamos de celebrar esta corrente de vida nova e universal que o Carisma da unidade introduziu nas nossas histórias pessoais e na de numerosos povos e culturas” – anunciou a presidente dos Focolares. “Queremos fazer isto dando a possibilidade a muitos no mundo de encontrar Chiara hoje: de conhecê-la como pessoa e redescobrir a atualidade do seu Carisma e a sua visão de um mundo visto como família de povos irmãos. Uma visão contracorrente nesta época de particularismos e soberanismos ressurgentes. Tenho certeza de que o encontro pessoal e coletivo com Chiara continuará a inspirar pessoas, ideias e projetos animados pelo espírito da unidade”.

As celebrações terão início em Trento, a sua cidade natal, no próximo dia 7 de dezembro, com a inauguração de uma grande exposição multimídia dedicada a Chiara, que também

será reproposta em várias capitais do mundo. Durante todo o ano se alternarão em Trento grupos de peregrinos que poderão conhecer melhor a sua pessoa e a sua herança espiritual.

Também em Roma e arredores, no decorrer do ano, haverá vários eventos que permitirão descobrir, a partir de dentro, a vida e a obra de Chiara no quotidiano, da casa onde morou à capela onde agora repousa, no Centro do Movimento.

Chiara Lubich: Politics for Unity

A primeira manifestação, em ordem cronológica, será na Itália, em Roma, dia 12 de março, na Sala do Palácio dos Grupos Parlamentares, em Montecitório. Durante a manhã, 300 jovens dos Focolares, de várias partes do mundo, cristãos, pertencentes a outras religiões e de convicções não religiosas, apresentarão depoimentos individuais e de grupo sobre a situação sócio-política do próprio país e sobre a fraternidade vivida como resposta aos conflitos, em diálogo com a presidente da Câmara dos Deputados, Laura Boldrini, o secretário geral do Instituto Universitário Europeu, Pasquale Ferrara, e Luigino Bruni, professor de Economia Política na LUMSA, de Roma. À tarde, mais de 300 pessoas atuantes na vida política e na administração pública participarão do encontro de reflexão, testemunho e diálogo à luz das principais ideias-força do pensamento de Chiara Lubich.

Na França, em Estrasburgo, um seminário de três dias, 13 a 15 de março, refletirá sobre o tema da fraternidade como categoria política, com especial relevo às questões ligadas à cidade. Serão relatores, Jean-Louis Sanchez, delegado geral da ODAS (Observatório Nacional de Ação Social); Jo Spiegel, prefeito de Kingersheim, e Antonio Baggio, cientista político e docente no Instituto Universitário Sophia (Itália).

Em Madri (Espanha) haverá dois eventos, dias 13 e 14 de março. O primeiro será no mesmo lugar onde Chiara Lubich falou dia 2 de dezembro de 2002: a sede do Parlamento Europeu e da Comissão Europeia. O contexto será o do Seminário “A função da União Europeia na paz e na justiça mundial”. No dia seguinte, no auditório do Centro Mariápolis, se prosseguirá com aprofundamentos temáticos, entre os quais “A escolha dos ‘últimos’: critério prioritário de ação política”.

Na Coreia do Sul, dia 14 de março, em Seul, um encontro na sede do Parlamento, entre deputados e pessoas comprometidas na administração pública, fará um balanço do caminho rumo a uma política de fraternidade, iniciado há dez anos.

No mesmo dia, em Curitiba (Brasil), deputados, prefeitos e simples cidadãos serão protagonistas de um fórum sobre “O Pensar e o Agir Político de Chiara Lubich”. Entre outros, falarão o prefeito da cidade, Gustavo Fruet, e o deputado federal Luiz Carlos Haully; o Secretário de Justiça e Direitos Humanos do Estado do Acre, Nilson Mourão e o prefeito de Sorocaba (SP), Antônio Carlos Pannunzio.

Outros eventos ocorrerão no Canadá, Colômbia, Honduras, Alemanha, Portugal, República Tcheca, Espanha, Tanzânia, Hungria, Estados Unidos, e outros ainda.

Na pluralidade de manifestações que compõem o evento, em todo o mundo, é proposto um diálogo que pretende colocar o acento sobre o valor essencial da unidade, que não é homologação mas fruto do confronto. «Eu tenho um sonho – afirmava Chiara Lubich -. Imaginem como seria o mundo se, além de que entre os indivíduos, também entre os povos, as etnias, os estados, fosse colocada em prática a “regra de ouro”: amar, por exemplo, a pátria do outro como a própria». As suas palavras encontram um eco no mundo inteiro, na vida pessoal

e na ação política de todos aqueles que assumiram como próprio o mesmo sonho.

«O próximo aniversário nos dará ocasião de evidenciar muitas experiências positivas existentes no mundo – afirma a presidente dos Focolares, Maria Voce – onde políticos, administradores e cidadãos trabalham juntos ao serviço do bem comum».

E exprime o desejo que «seja os jovens – que muitas vezes olham hoje para a política com temor e desinteresse – seja os adultos, redescubram a política como uma vocação “alta”, que alarga o próprio coração a todas as pessoas, as mais sofredoras, mais sozinhas, que tem mais dificuldades ou são marginalizadas, não só do próprio país mas da humanidade». «Que a participação nestes eventos – conclui em uma mensagem – assinala para todos um novo compromisso, mais consciente, para engajar-se em primeira pessoa e construir, junto a tantos outros de boa vontade, um mundo melhor, um mundo novo».